

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
CURSO DE GEOGRAFIA

Brucelinda Ascensão de Melo Veiga

**ANÁLISE DA (RE) CONFIGURAÇÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO  
ESTUDO DE CASO: BAIRRO DE LÉM-CACHORRO – CIDADE DA PRAIA –  
ILHA DE SANTIAGO – CABO VERDE**

Porto Alegre  
2010

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
CURSO DE GEOGRAFIA

Brucelinda Ascensão de Melo Veiga

**ANÁLISE DA (RE) CONFIGURAÇÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO  
ESTUDO DE CASO: BAIRRO DE LÉM-CACHORRO – CIDADE DA PRAIA – ILHA  
DE SANTIAGO – CABO VERDE**

Monografia apresentada ao Curso de Geografia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Regina de Moraes Soster  
Co-orientadora: Profa. M.Sc. Tânia Rodrigues Ferrer

Porto Alegre  
2010

Ao meu pai Luciano da Veiga (*in memorium*), à minha mãe Arminda Veiga, aos meus irmãos e parentes pelo amor, incentivo e apoio incondicional.

À minha orientadora, Dra. Ana Regina de Moraes Soster em agradecimento pela atenção e incentivo.

À minha co-orientadora, M. Sc. Tânia Rodrigues Ferrer, pela atenção e contribuição na minha formação acadêmica.

Ao Adilson, pelo amor e paciência.

Aos meus amigos, por tudo.

“Fazer um juízo criterioso dos acontecimentos tem grande importância para não cair no engano de transformar um camundongo num elefante ou um elefante num camundongo.”

Olga B. C. de Almeida (Valorize sua vida, 1988)

## ..LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Constituintes da cidade.....	11
Figura 2 – Posição da ilha de Santiago no arquipélago de Cabo Verde.....	13
Figura 3 – A Ilha de Santiago.....	14
Figura 4 – Sobrado Antigo.....	15
Figura 5 – Casas da Rua Sá da Bandeira – Núcleo Central da Praia.....	16
Figura 6 – Aerofoto antiga e atual do nucleo central da cidade da Praia.....	17
Figura 7 – População urbana da Cidade da Praia.....	19
Figura 8 – A expansão da mancha urbana no ano de 2008.....	21
Figura 9 – Mancha de Ocupação Espontânea, ano de 2008.....	23
Figura 10 – Classificações da Urbanização.....	24
Figura 11 – A relação dos bairros mistos e espontâneos.....	25
Figura 12 – Áreas de crescimento espontâneo – Zona Leste.....	26
Figura 13 – relação dialéctica entre o objecto e a acção.....	32
Figura 14 – O espaço geográfico dividido em categorias de análise.....	33
Figura 15 – A densificação do crescimento vertical em Lém-Cachorro – 2010.....	39
Figura 16 – Zona Leste da cidade da Praia.....	48
Figura 17 – Área sintética do Lém-Cachorro.....	49
Figura 18 – Tempo que reside no Bairro de Lém-Cachorro.....	51
Figura 19 – Casas de Pedra com teto de palha.....	52
Figura 20 – A faixa aproximada da ocupação inicial do bairro de Lém-Cachorro...53	
Figura 21 – Características do Bairro de Lém-Cachorro.....	54
Figura 22 – Número de filhos da população com mais de 60 anos.....	56
Figura 23 – Tempo que reside no bairro de Lém-Cachorro.....	57
Figura 24 – Ocupações de encostas no bairro de Lém-Cachorro.....	58
Figura 25 – Ocupações de encostas no bairro de Lém-Cachorro.....	59
Figura 26 – Escoamento superficial no Bairro de Lém-Cachorro.....	60
Figura 27 – Suposta estrutura de quadras do Bairro de Lém-Cachorro.....	61
Figura 28 – Presença de resíduos sólidos no canal de drenagem de Lém-Cachorro.....	62
Figura 29 – Escoamento da água da chuva no canal de drenagem.....	62
Figura 30 – Alagamento da Principal Rua do Bairro de Lém-Cachorro.....	63

Figura 31 – Os desníveis da Rua de Lém-Cachorro provocados pelo acúmulo de sedimentos proveniente do deslizamento de terra.....	64
Figura 32 – Problemas existentes no Bairro de Lém-Cachorro.....	65
Figura 33 – Espaços Públicos existentes no Bairro de Lém-Cachorro.....	66
Figura 34 – Distribuição espacial dos principais objectos ou equipamentos públicos existentes no bairro de Lém-Cachorro.....	68
Figura 35 – As principais áreas de entrada e saída do bairro de Lém-Cachorro.....	70

## **LISTA DE SIGLAS**

CMP – Câmara Municipal da Praia

INE – Instituto Nacional de Estatística

PDM – Plano Director Municipal

PDU – Plano de Desenvolvimento Urbano

PUD – Plano Urbanístico Detalhado

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>1. CIDADE UMA CONSTRUÇÃO CONTÍNUA.....</b>	<b>11</b>
1.1. Praia a cidade.....	12
1.2. Planeamento urbano X Ilegalidade.....	27
<b>2. UM MUNDO DE ESPACOS.....</b>	<b>29</b>
2.1. Porque compreender o espaço geográfico.....	29
2.2. As diferentes leituras do espaço urbano .....	34
2.3. O espaço e o valor.....	37
2.4. Sobre a leitura do urbano.....	41
<b>3. ANÁLISE DA (RE) CONFIGURAÇÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO DE LÉM-CACHORRO.....</b>	<b>45</b>
3.1. O bairro de Lém-Cachorro.....	46
3.2. O perfil de moradia, uso e ocupação do bairro.....	51
3.3. Lém-Cachorro – Séc. XXI.....	55
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>71</b>
<b>REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....</b>	<b>76</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>78</b>
<b>APÊNDICE A – Questionário aplicado aos adultos do bairro de Lém-Cachorro.....</b>	<b>79</b>
<b>APÊNDICE B – Questionário aplicado aos idosos do bairro de Lém-Cachorro.....</b>	<b>81</b>



## INTRODUÇÃO

Espaço geográfico é o objecto de estudo da Geografia. Ele é um conjunto constituído por objectos naturais - gerados pela natureza, objectos artificiais - produzidos pelo homem e pelas acções humanas impregnadas de objectivos e finalidades. Os objectos e as acções encontram-se interligados e, é dessa forma que orientam a reorganização espacial. Por isso, não são analisados de forma isolada pela Geografia: só os objectos ou só as acções.

Considera-se que o perfil da sociedade encontra-se em constante alteração, como por exemplo, um modelo social de produção e consumo antes tido como padrão vem sendo substituído por modelos mais modernos com elevado grau de exigência e satisfação. Essa condição de modernidade é dada pelo contínuo desenvolvimento do meio científico e tecnológico.

Assim, essa mudança no perfil de produção e de consumo permite ao ser humano desfrutar de práticas e conhecimentos antes considerados impossíveis. Por outro lado é importante observar que estas mudanças ocorrem e repercutem no espaço sob forma de elementos artificiais com ampla capacidade de comportar funções. Tal fato atribui novas configurações dentro do espaço urbano.

Nessa perspectiva procura-se com este trabalho analisar a reconfiguração do espaço geográfico do bairro de Lém-Cachorro – cidade da Praia – Cabo Verde, contemplando o princípio da Geografia crítica, de não neutralidade dos aspectos políticos, sociais e económicos no estudo da realidade geográfica. Pois o engajamento de todos esses aspectos evitará contradições e enganos, além de favorecer uma leitura com elevado grau de aproximação da realidade do bairro de Lém-Cachorro.

Assim, assume-se como metodologia o estudo de caso dentro de uma abordagem dedutiva. Optou-se por essa metodologia por permitir um elevado grau de detalhamento das condições geográficas do bairro e a construção de cadeias de raciocínio que conduzem a conclusões específicas. Com essa metodologia, tem-se a

garantia do alcance do objectivo geral da pesquisa que é analisar a reconfiguração geográfica de Lém-Cachorro, bem como dos objectivos específicos que são: caracterizar a área de estudo, aplicar os conceitos relativos a espaço geográfico e analisar a reconfiguração da paisagem geográfica do bairro.

A pesquisa apoia-se em instrumentos como revisão bibliográfica, onde se buscou uma selectiva de autores cujos conceitos debatidos são relevantes para o desenrolar da pesquisa e a aplicação de questionários elaborados pela autora, divididos em dois grupos: adultos e idosos, ambos residentes em Lém-Cachorro. Os questionários visam conhecer como o bairro se encontrava configurado há pelo menos 60 anos - paisagem geográfica e aspectos socioeconómicos e como se encontra actualmente.

O trabalho encontra-se dividido em três capítulos. No primeiro capítulo é feita uma caracterização da cidade da Praia, abordando, sobretudo, a sua localização geográfica, sua paisagem, os processos geográficos ocorridos e os problemas geográfico-urbanísticos que enfrenta. No segundo capítulo é feita uma abordagem dos conceitos pertinentes à compreensão do espaço urbano, como, formas, processos, paisagens e a valorização do espaço. Por ultimo, no terceiro capítulo analisou-se o espaço geográfico de Lém-Cachorro, baseando-se, quase que totalmente, nas respostas obtidas com os questionários. Entre os aspectos analisados encontra-se o perfil de uso e ocupação do bairro e os problemas geográficos decorrentes dessa ocupação.

Com isso buscou-se obter conhecimentos científicos capazes de auxiliar ao máximo no estudo crítico da realidade geográfica do bairro, proporcionando fundamentação teórica no decorrer das análises da reconfiguração geográfica do bairro.

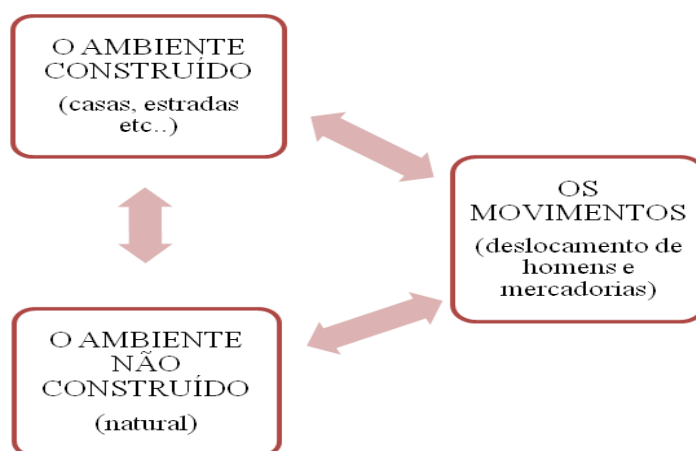
## 1. CIDADE UMA CONSTRUÇÃO CONTÍNUA

A cidade é o produto das relações humanas estabelecidas ao longo da história, eternizadas sob forma de casas, prédios, rodovias, ciclo vias, parques etc., e movida pela energia dos processos e fluxos sociais, económicos, políticos e culturais.

Ainda nas palavras da Carlos,

A cidade é, antes de mais nada, trabalho objectivado, materializado, que aparece através da relação entre o “construído” (casas, ruas, avenidas estradas, edificações, praças) e o “não construído” (o natural) de um lado, e do movimento de outro, no que se refere ao deslocamento de homens e mercadorias. (CARLOS, 1992, p.50).

É possível supor que mesmo enquadrando as cidades no modelo a seguir (Figura 1), elaborado com base na observação de Carlos (1992) citada anteriormente, cada cidade é uma cidade, ou seja, elas apresentam vivências, estruturas e fundamentos totalmente diferentes umas das outras, em função do carácter particular de seus habitantes.



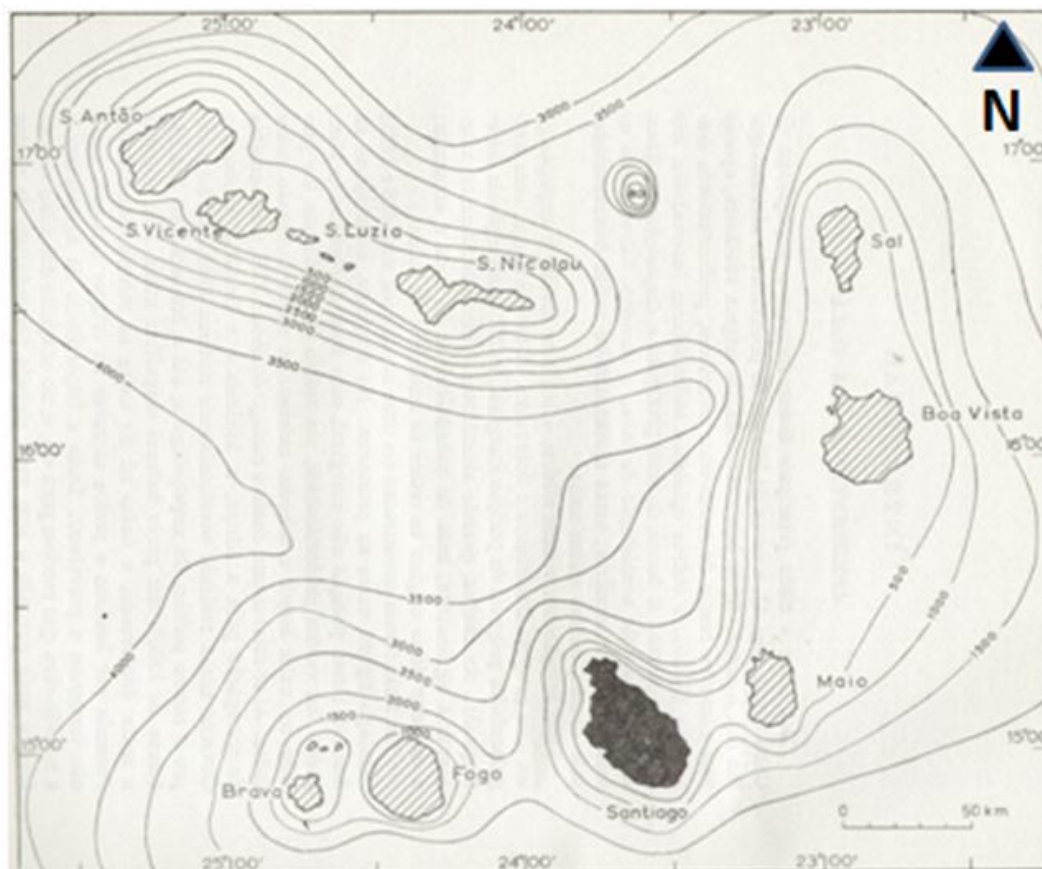
**Figura 1 – Os constituintes da cidade**  
**Fonte: CARLOS, 1992 (organizado pela autora)**

Cada sociedade é dotada de práticas, simbologias e ideologias particulares, portanto, igualmente particular é a exploração e a recriação da cidade a que se encontra vinculada. Convém considerar que a exploração envolve, dentro desse contexto, não apenas as actividades desencadeadas no dia-a-dia da cidade, mas também, o simples olhar crítico sobre ela, e, que, a recriação é percebida através das alterações e/ou implantações de novos equipamentos dentro da cidade, por exemplo, na duplicação de vias, na criação de terminais de ônibus, hospitais etc., e, também, nas novas representações da cidade, um exemplo é a cidade passar a representar qualidade de vida dentro de uma óptica ambientalista.

É necessário, então, que se inclua em qualquer gerenciamento de um ambiente construído pelo homem, que conforme foi visto pode ser um edifício, um sistema de drenagem, uma avenida etc., o estudo concomitante do ambiente não construído pelo homem, o natural, e dos movimentos que o envolvem directa e indirectamente. Movimentos estes que podem ser concreto-visíveis, no caso de deslocamento de pessoas, veículos etc., e invisíveis: a circulação de informações, as leis que regem a cidade, movimento do capital financeiro etc.. Dessa forma, ficará assegurado o menor comprometimento possível das articulações entre as áreas da cidade, ou ainda, o menor comprometimento possível da unidade espacial.

### **1.1. PRAIA, a Cidade**

A Cidade da Praia é a actual capital da República de Cabo-Verde. Trata-se de um arquipélago de 4.033 Km<sup>2</sup> formado por dez ilhas: Santo Antão, São Vicente, Santa Luzia, São Nicolau, Sal, Boavista Maio, Santiago, Fogo e Brava. Ele se localiza (Figura 2) no oceano atlântico a cerca de 2.000 km a leste do *rift* da crista média atlântica, 450 km da costa ocidental africana, entre as latitudes 10° e 20° N e longitudes 17° e 23° W (GOMES, Alberto; PINA, António, 6<sup>a</sup> Silusba)



**Figura 2 – Posição da ilha de Santiago no arquipélago de Cabo Verde**

Fonte: AMARAL, 1964, p.16

Estas ilhas foram encontradas nos anos de 1460 e 1462 (AMARAL, 1964), por Portugal, nação da qual foi colónia até o ano de 1975.

A ilha de Santiago se encontra

localizada entre os paralelos  $15^{\circ} 20'$  e  $14^{\circ} 50'$  de latitude Norte e os meridianos  $23^{\circ} 50'$  e  $23^{\circ} 20'$  de longitude Oeste do meridiano de Greenwich, fica situada na parte Sul do Arquipélago. Tem forma adelgada na direcção Norte-Sul, com um comprimento máximo de 54,9 km [...] e uma largura máxima de 29 km [...] Com uma área de 991 km<sup>2</sup>, a ilha representa cerca de 25% da área total do arquipélago. Pertence ao grupo de Sotavento e de ilhas altas ou montanhosas. (PINA et al. p.2)

É, no sul da ilha de Santiago que se encontra localizada a Cidade da Praia (Figura 3).



**Figura 3 – A Ilha de Santiago**  
**Fonte: Plano Diretor Municipal – PDM, 2008-2020**

Praia, como lhe é chamada, é, hoje, um município essencialmente urbano. No entanto Amaral (1964) faz algumas inferências a respeito da fisionomia da cidade na segunda metade do século XX

Ela não seria nada acolhedora. Na maioria das habitações, em pátios e quintais acumulavam se objectos diversos, mobílias estragadas, louças quebradas, cafeteiras e panelas velhas, a esterqueira para o porco, o resguardo para o bovino, etc. Muitas vezes havia ainda um monte de pedras para ocultar lixos e dejectos. As casas de pior construção, as mais imundas ficavam [...] nos bairros de população mais pobre. (AMARAL, 1964, p.332)

Com relação a tais aspectos, Amaral (1964) enfatiza que o conselho administrativo vinha, pelo menos desde 1862, demonstrando preocupações em repará-las e atribuir melhor estética a cidade. Preocupou-se tanto que estabeleceu que as----- casas cobertas



por palhas fossem substituídas por telhas ou madeiras, as paredes deveriam ser caiadas, os terrenos baldios deveriam ser limpos.

As casas não poderiam ser construídas sem que o conselho administrativo avaliasse a proposta e o cumprimento do plano. Este deveria, por exemplo, obedecer ao alinhamento das ruas, a altura das casas, as medidas exactas das portas e das janelas. As Figura 4 e 5 ilustram residências cuja construção respeitou as normas estabelecidas a partir de 1862.

A paisagem representada na figura 4 revela ainda o contraste entre o moderno, que é a construção de telha destacada pelo círculo amarelo, e o antigo, que é a casa coberta de palha, destacada pelo círculo vermelho. Chama atenção, também, o fato da construção mais antiga estar alinhada com a moderna, respeitando assim as regras de arruamento. Isso leva a crer que, dentro do que foi estabelecido no ano de 1862, as construções modernas eram harmoniosamente adequadas às mais antigas, evitando grandes disparidades na paisagem urbana da Praia.



**Figura 4: Sobrado Antigo**  
Fonte: AMARAL, Est. XLII, 1964.

Na figura 5 observa-se que além das casas do núcleo central, hoje designado por *Plateaux* – o actual centro comercial e administrativo da Praia, respeitarem a dimensão e o alinhamento das ruas, elas assimilaram, também, as medidas relativas ao tamanho das portas e das janelas, que tinham de ser proporcionais ao tamanho da construção.



**Figura 5: Casas da Rua Sá da Bandeira – Núcleo Central da Praia**  
**Fonte: AMARAL, 1964, Est. LXIV**

A figura 6 mostra a aerofotografia do núcleo central da Cidade da Praia, nos anos de 1964 e de 2008, onde é possível observar a padronização do modelo de construção civil pré-estabelecido, a sua integração com o meio ambiente natural e o carácter geo-paisagístico da cidade.





Figura 6: Aerofoto de 1964 e de 2008 do núcleo central da cidade da Praia.  
Fontes: AMARAL, 1964, p.337. PMD, 2008-2020,p. 167. (adaptado pela autora)

Este núcleo se localiza num pequeno planalto cercado por vales e planícies. A aerofotografia do ano de 1964 realça um traçado rectangular já com um elevado percentual de construções, porém, sem grande expansão horizontal comparando com a aerofotografia do ano de 2008.

Seguindo com as comparações, observa-se que num espaço de tempo relativamente pequeno – do ano de 1964 à 2008, os elementos naturais da cidade reduziram consideravelmente, predominando, assim, novos elementos e funções que são frutos do trabalho humano. Enfim, num espaço inferior a 50 anos, a cidade da Praia passou a ter novos arranjos físico-espaciais, novas paisagens - o espaço geográfico comprovando e alertando da sua dinamicidade.

Retomando a questão das novas regras estabelecidas pelo conselho administrativo de 1862, tamanha era a dificuldade em se atribuir melhores condições à cidade, que somente as indicações a respeito da estrutura física das moradias e ruas, não eram suficientes para que essa desejada melhoria fosse alcançada, pois, pessoas, porcos, cabras e vacas caminhavam livremente pelas ruas (a maioria delas sem calcetamento<sup>1</sup>). Essa situação leva a considerar que um dos maiores problemas que a cidade enfrentava era a falta de saneamento.

A cidade nessa época (1862) carecia de medidas que provocassem mudanças no comportamento de seus habitantes fazendo com que assumissem uma postura mais higiénica. O que além de não ser fácil, é demorado, pois envolvem várias outras questões: uma delas culturais.

Após a independência de Cabo Verde em 1975, ocorreu uma explosão demográfica na ilha de Santiago, em especial, na cidade da Praia que presenciou, a partir dessa data, o fenómeno da horizontalização ou expansão horizontal (Figura 7). A procura pelo solo urbano foi impulsionada pela desafiadora promessa, dos que assumiram o governo, de desenvolver a capital de um país recém-independente. (PDM 2008-2010, p. 49).

---

<sup>1</sup> Termo utilizado para identificar ruas revestidas por paralelepípedos.

<b>Ano</b>	<b>Nº de habitantes</b>	<b>Área ocupada (ha)</b>	<b>Densidade Hab./ha</b>
<b>1970</b>	22.400	125	180
<b>1980</b>	37.500	175	215
<b>1985</b>	49.600	305	163
<b>1990</b>	61.644	570	108
<b>2000</b>	106.000		15

**Figura 7: População urbana da Cidade da Praia**

**Fonte: PDM da Praia 2008-2010, p.49. (adaptado pela autora)**

Esse fenómeno demográfico vem afectando directamente a cidade da Praia, em termos de estrutura da base física, política e económica. Por ser a capital, localizar numa ilha que sozinha carrega mais da metade da população de Cabo-Verde e por ter em seu território 26,9% dos habitantes do país (Instituto Nacional de Estatística - INE, 2010. p. 6), a cidade da Praia carece de uma melhoria nos equipamentos mínimos, como postos de saúde, escolas, jardins-de-infância, postos de polícia, melhorias no sistema viário, garagens e estacionamento etc. para atender a demanda da população por bens e serviços.

Face a esses dados encontra-se o fato da cidade apresentar actualmente uma série de problemas enumerados a seguir (PDM Praia 2008-2020, p. 18):

1. Grande parte da população apresenta dificuldades de acesso à habitação, em função de uma oferta menor que a procura.
2. Forte migração da população da área rural para as áreas urbanas de habitação espontânea.
3. Graves problemas de mobilidade causados por insuficiência do sistema viário, baixa performance do sistema de transporte público ou colectivo e ausência de interligações entre áreas geradoras de tráfego, tais como porto, aeroporto, área central.
4. Crescimento rápido e desequilibrado do tecido urbano, acompanhado do abandono das áreas centrais, para fins habitacionais e congestionamento de novos bairros

5. Acesso deficitário de grande parte da população aos equipamentos sociais de educação, saúde, desporto, etc., por falta de insuficiência de espaços e investimentos.
6. Destruição paulatina do património natural (praias, costas, áreas verdes) e do património histórico.

Ao que tudo indica, não somente o aumento repentino e acelerado da população urbana, que vem ocorrendo nos últimos 35 anos, mas também a descontinuidade do solo e a carência de recursos humanos e financeiros, são vistos como os principais factores responsáveis pelos problemas que a cidade enfrenta.

A curiosa diminuição da densidade demográfica registada a partir do ano de 1985, e, que pode ser observada na figura anterior de número 6, relata um dos maiores problemas urbanísticos da capital cabo-verdiana que é o aumento de bairros de ocupação espontânea. A Figura 8, a seguir, permite a visualização do processo de expansão da mancha urbana que ocorre no sentido norte da ilha.



Figura 8: A expansão da mancha urbana no ano de 2008  
Fonte: PDM, 2008-2020, p. 27.



Esse processo de expansão (Figura 8) pode simbolizar uma possível densificação horizontal e vertical das edificações no interior dos bairros da capital e o aumento das diversas actividades e sectores de produção da cidade.

Em função do processo de expansão da malha urbana, os bairros da cidade da Praia merecem, aqui, uma abordagem especial. Pois segundo as considerações de Carlos (2001)

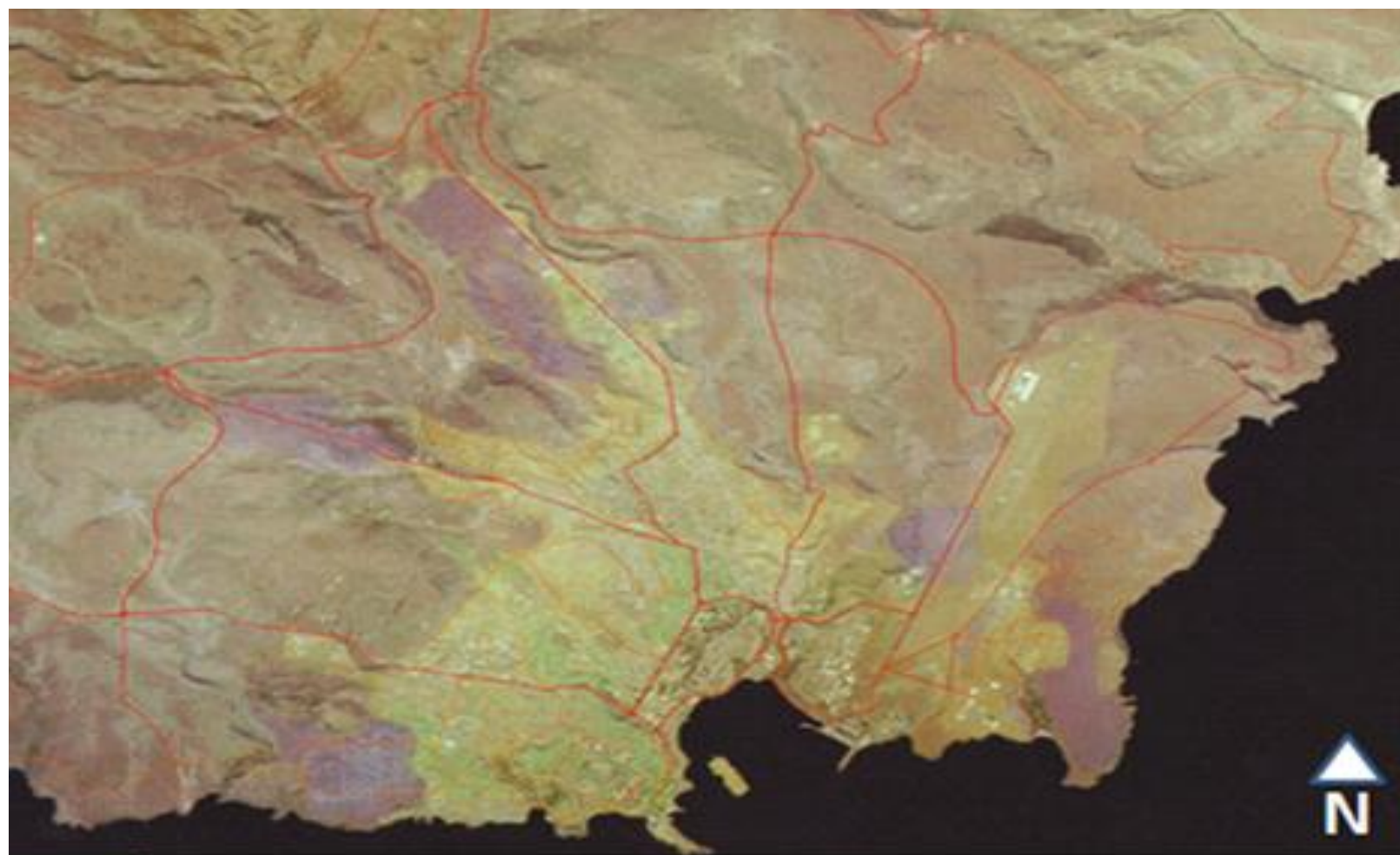
O bairro como nível da prática sócio espacial se revela no plano do vivido (envolvendo a categoria habitante), que mostra a condição da vida material, ganha sentido na vida quotidiana, expressando as condições da reprodução espacial no mundo moderno. É assim que se vão revelando os modos possíveis de apropriação que se realizam nos limites e interstícios da propriedade privada do solo urbano, não só pelo acesso à casa, [...] mas determinado e orientando os ternos do uso do espaço público [...] O bairro como referencial para a vida [...] aponta para o fato de que os habitantes construíram, ao longo do tempo, uma identidade com essa parcela do espaço, que vai produzindo elementos constituidores da memória. CARLOS, 2001, p. 244.

Considerando essa percepção de Carlos, é importante considerar as mudanças nas estruturas físicas do bairro, como elas repercutem no estilo de vida quotidiano e na identidade que se tem com ele.

A Câmara Municipal da Praia - CMP, por sua vez, expõe sua concepção de Bairro. Para esse órgão trata-se de um

espaço predominantemente habitacional organizado de forma a assegurar níveis de proximidade de prestação de serviços complementares das actividades humanas, de vivência social e cultural, de segurança, com determinado grau de auto-suficiência. Esta escala refere-se a recortes espaciais que expressam a possibilidade de uma vivência pessoal do espaço e a formação de entidades socioculturais em graus variáveis de acordo com seu tamanho. PDM, 2008-2010, p.45.

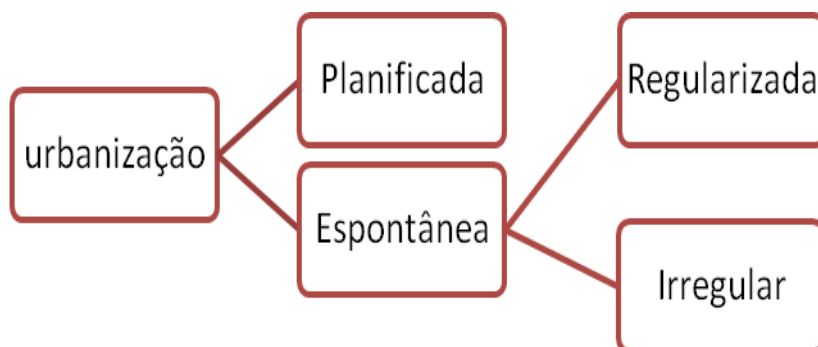
Nesse sentido, (PDM 2008-2020) os “bairros espontâneos” são aqueles que se integram no contexto da cidade, sem que estejam previamente incluídos no Plano Urbanístico Detalhado – PUD que é o instrumento que rege a inserção de edificações na paisagem urbana. A distribuição destes bairros, que ocupam mais de 50% da área urbana da cidade, pode ser observada na figura 9.



Áreas de crescimento espontâneo

Figura 9: Mancha de Ocupação Espontânea, ano de 2008  
Fonte: PDM, 2008-2020, p.31

No que diz respeito às áreas urbanas o esquema representado na figura 10 a seguir elaborado pela CMP aponta para as seguintes classificações



**Figura 10: Classificações da Urbanização**  
**Fonte: PDM, 2008-2020, p. 121**

Ainda na figura 10 nota-se que bairros espontâneos podem ser regulares ou irregulares. Atribuiu-se a alguns bairros espontâneos a condição de bairros regulares, por terem sido enquadrados em projectos de pequenos arranjos urbanísticos. Esse enquadramento foi possível porque tais bairros não apresentaram graves problemas estruturais, facilitando, assim, o processo de reorganização espacial dos mesmos. Por outro lado, os bairros espontâneos irregulares, são assim classificados em função dos graves problemas estruturais existentes, que acabam dificultando sua própria inserção nos projectos de pequenos arranjos urbanísticos da cidade

Ainda nessa tentativa de atribuir novos arranjos urbanísticos à cidade da Praia, alguns bairros espontâneos irregulares, passaram a ser classificados como bairros de ocupação mista. Os bairros mistos são aqueles que apresentam comumente áreas regularizadas e áreas irregulares, como é o caso do bairro Simão Ribeiro, pertencente à zona centro da capital.

A seguir (Figura 11) os bairros que se enquadram nas classificações mistas e nas classificações espontâneas. Conforme o PDM 2008-2020 são dois (2) bairros mistos e dezassete (17) bairros espontâneos. Estes quando somados aos demais que não foram abordados nessas classificações formam um total de 55 bairros.



Bairros Mistos	Bairros Espontâneos
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Tira Chapéu</li> <li>• Simão Ribeiro</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Achadinha Pires</li> <li>• Bela Vista</li> <li>• Pensamento</li> <li>• Achada Eugénio Lima</li> <li>• Calabaceira</li> <li>• Vila Nova</li> <li>• Ponta d'Água</li> <li>• Lém-Cachorro</li> <li>• Paiol</li> <li>• Coqueiro/Castelão</li> <li>• Vale do Palmarejo</li> <li>• Safende</li> <li>• São Pedro Latada</li> <li>• Monteagarro</li> <li>• Monte Pensamento</li> <li>• Monte Babosa</li> <li>• Monte Vermelho</li> </ul>

**Figura 11: A relação dos Bairros Mistos e Espontâneos.**  
**Fonte: PDM 2008-2020, p.122.**

A espacialidade dos bairros Ponta d'água, Castelão e Coqueiro, pertencentes a mesma zona do Bairro de Lém-Cachorro, zona leste da cidade, pode ser analisada com base na figura 12, a seguir disposta:

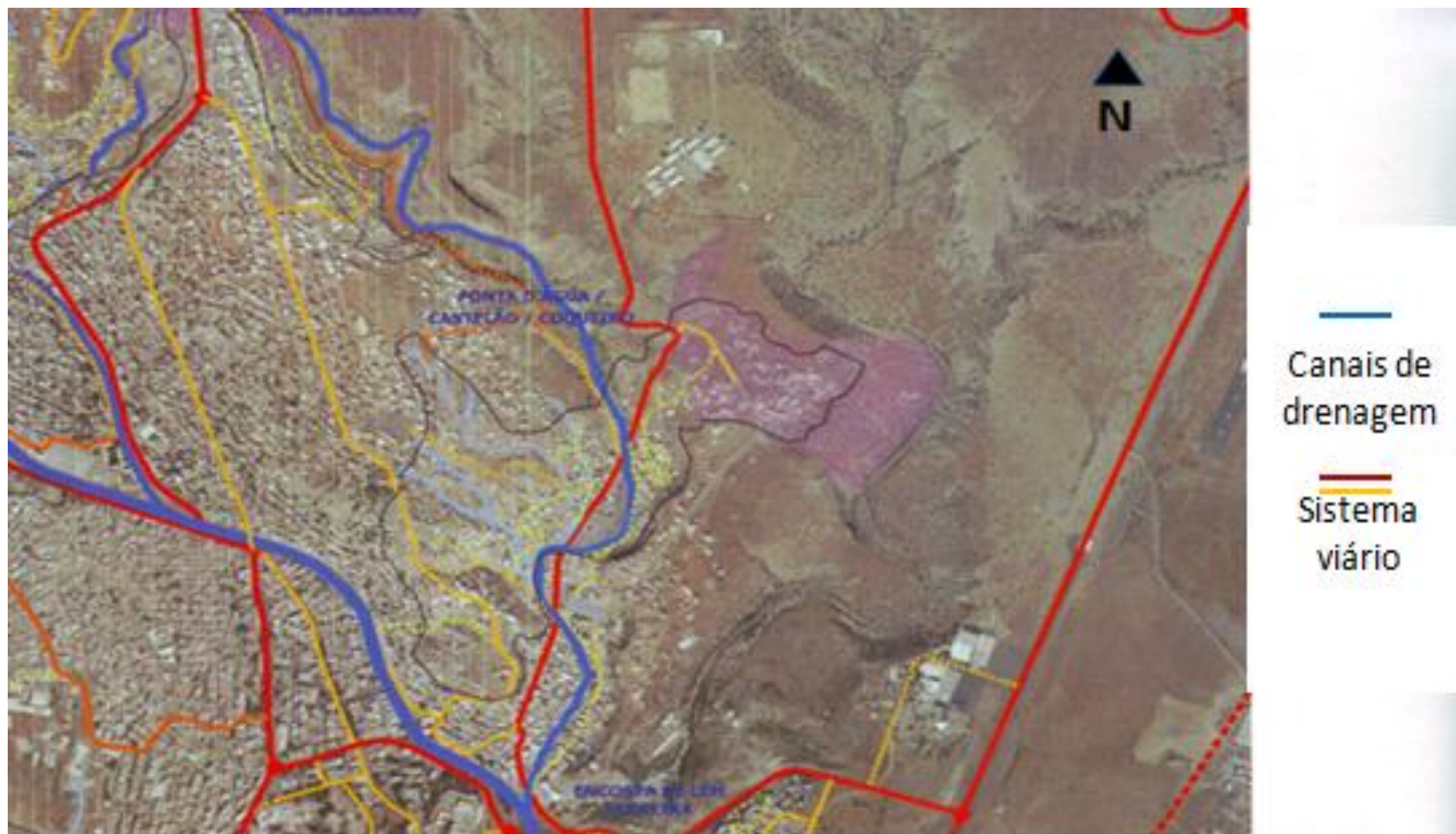


Figura 12 – Áreas de crescimento espontâneo – Zona Leste.  
Fonte: PDM, 2008-2020, p.148.

Devido à condição de irregularidade, os bairros como Ponta d'água, Castelão e Coqueiro encontram-se sem espaços para a implantação de equipamentos públicos com escolas e postos de saúde. (PDM 2008-2020)

## **1.2. Planeamento urbano x ilegalidade**

O próprio termo espontâneo denuncia um fraco controlo sobre o espaço físico da cidade, principalmente por parte da CMP, reflecte, também, uma falta de organização espacial da cidade.

O planeamento urbano é um processo contínuo cada vez mais sujeito a interferência de factores externos à própria cidade. Ele envolve várias tomadas de decisões por parte dos agentes especialistas e como tal requer uma exposição clara e detalhada de suas etapas de realizações. Os pilares que sustentam essas etapas se encontram afixadas numa ampla abordagem urbanística pontuada por Souza (2001) como sendo apriorística – que consiste na observação do real, colecta de dados e informações para contextualizar a proposta de intervenção numa área urbana, de modo a garantir uma boa configuração urbana, semi apriorista – que consiste na elaboração do diagnóstico e prognóstico da área de intervenção com base nas contextualizações apriorísticas, e, ré construtivista, que estabelece a relação entre a base teórica adquirida nas duas primeiras abordagens e a empiria, ou seja, é a intervenção real na área a ser alterada.

O aumento de bairros espontâneos na capital a partir de 1986, período em que se adopta como instrumento de planeamento e organização espacial dos núcleos de povoamento, o Plano de Desenvolvimento Urbano – PDU em vigor (PDM 2008-2020) reflecte deficiências nas abordagens urbanísticas propostas por Souza (2001) anteriormente, e tem como consequência o quadro crítico dos problemas que ameaçam o funcionamento pleno da cidade.

Para se ter a ideia da evolução do processo de ocupação espontânea, a superfície edificada que no ano de 1990 era de 368 ha, em 2000 aumentou para 787 ha, sendo que 66,83% dessas construções são informais. (PDM, 2008-2020, p.121) A amplitude que esse problema atinge actualmente é assustadora, por exemplo, o percentual das edificações irregulares, que foram construídas em terrenos muito inclinados passou de 8,47% nos anos 1990 para 21,87% no ano 2000 (PDM 2008-2020, p.121) A ocupação em áreas de risco, não se resume apenas ao ângulo de inclinação das vertentes, mas também ao fato de que as ocupações se expandem pelas encostas de basalto, de solos rasos; esse perfil que associado a uma chuva escassa porém, torrencial se resume em perigo. Nas palavras de Gonçalves et al

Os períodos de intensa precipitação são normalmente acompanhados de grandes escorrências superficiais, ao longo das encostas e pelas ribeiras, que se apresentam secas durante a maior parte do ano, pois não existem mecanismos de retenção que impeçam grande parte deste volume aquoso de atingir o mar. A escassa cobertura vegetal e a pouca espessura do solo, constituem um frágil ecossistema que não consegue reter essa água superficial. (GONÇALVES et al, Investigação hidrogeofísica na ilha de Santiago (Cabo Verde) usando sondagens transientes (TDEM), p.1).

A irregularidade das ocupações dificulta a implantação de estruturas capazes de garantir uma vida digna aos moradores da cidade. Essa dificuldade é tida já nas primeiras etapas de reconhecimento da extensão da mancha urbana e delimitação de áreas, devido à homogeneidade dos bairros espontâneos.

Considera-se que um dos problemas ligados a existência de bairros irregulares é a falta de saneamento básico denunciada, por exemplo, pela ausência da rede de esgotos nesses bairros, o que compromete não só a paisagem urbana e o meio ambiente, mas principalmente a saúde pública. Outro problema passível de ser colocado é a ausência de infra-estruturas que garantem os direitos básicos da população, como, educação, saúde e segurança.

A comunicação e os sistemas de transportes são hoje um dos meios de sobrevivência das cidades, tanto directa ou indirectamente funcionam como um veículo de difusão e assimilação de ideias, decisões, bens e serviços. Sem estes serviços funcionando plenamente a cidade poderia se tornar caótica ou isolada.

## **2. UM MUNDO DE ESPAÇOS**

### **2.1. Por que compreender o espaço geográfico?**

A cidade da Praia foi apresentada no primeiro capítulo, onde verificou-se a sua situação geográfica e abordou-se os aspectos físicos e humanos que ela apresenta. No entanto, cabe ao segundo capítulo, a exposição do fundamento teórico que norteará a proposta desse trabalho que é a análise do processo de (re) configuração do espaço geográfico do bairro de Lém-Cachorro, Cidade da Praia, Ilha de Santiago – Cabo-Verde.

Assim, compete, inicialmente, dentro dessa proposta, saber o que é Geografia para que, como um fio condutor, nos permita a interpretação dos demais conceitos e expressões utilizadas na decodificação do espaço. Então, o que é Geografia?

Partindo do pressuposto de que Geo corresponde a terra e grafia corresponde à descrição, deduz-se que se trata de um estudo descritivo da Terra. Todavia vale esclarecer que, de acordo com Castrogiovanni, a Geografia “tem por objectivo principal estudar as relações entre o processo histórico na formação da sociedade e o funcionamento da natureza através da leitura do lugar, do território, a partir da paisagem.” (CASTROGIOVANNI, 2000, p.5)

Essa ideia permite constatar que a Geografia se vale de um amplo objecto de estudo que permite a interpretação das mais variadas relações existentes entre a sociedade e a natureza. O mesmo autor confirma essa constatação, ao considerar o espaço como sendo o objecto da Geografia,

O espaço, considerado como objecto da Geografia, é um produto histórico e, por consequência, tem um conteúdo histórico. É impossível entender o espaço sem a leitura histórica. O espaço reflecte as relações sociais, podendo ser entendido como a própria sociedade. Ele é fruto da interacção dos atores que formam as sociedades e a natureza, no decorrer do processo de transformação temporal. (CASTROGIOVANNI, 2000, p.5).

Nesse caso, o espaço está sendo classificado como fruto, por ter sido produzido pelas relações entre o homem e o meio natural, e como matéria, já que é a representação sólida e visível dessas relações. Mas afinal, o que é o espaço geográfico?

O espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objectos e sistemas de acções, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá. [...] O espaço é hoje um sistema de objectos cada vez mais artificiais, povoado por sistemas de acções igualmente imbuídos de artificialidade. (SANTOS, 2006, p. 39)

Interessa à Geografia a identificação dos objectos e das acções para que possam, seguramente, ser descritos, classificados e analisados. Para tal, a definição de Santos do que vêm a ser objectos geográficos

os objectos são tudo o que existe na superfície da Terra, toda herança da história natural e todo resultado da acção humana que se objectivou. Os objectos são esse extenso, essa objectividade, isso que se cria fora do homem e se torna instrumento material de sua vida, em ambos os casos uma exterioridade. (SANTOS, 2006, p.46).

Nessa óptica, é possível listar uma série de objectos geográficos, por exemplo, os meios e as vias de transporte, redes de esgoto, centrais energéticas, parques, portos e aeroportos, hospitais, banheiros públicos, baías, golfos, serras, biomas, enfim, qualquer elemento natural ou artificial, que foi objectivado, idealizado e concretizado pelo homem, e que directa e indirectamente molda a acção humana.

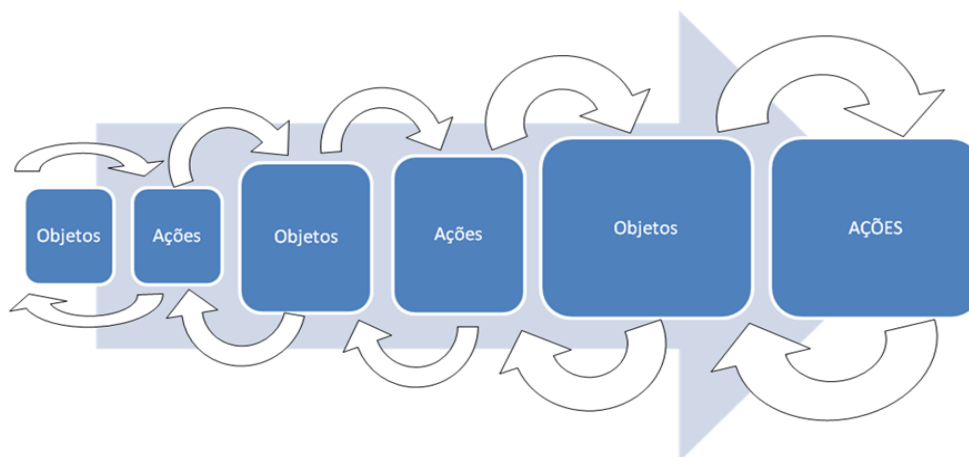
E as acções? Segundo o mesmo geógrafo “só o homem tem acção porque só ele tem objectivo, finalidade. As acções humanas não se restringem aos indivíduos, incluindo também as empresas.” (SANTOS, 1997, p.67) Quando o individuo ou uma comunidade idealiza um projecto, toma uma decisão, observa um objecto geográfico, cria leis, estará agindo sobre o espaço.

Seguindo esse raciocínio, cabe aqui um exemplo de acção geográfica: quando os moradores do bairro de Paiol localizado na zona leste da Praia, especificamente ao sul do bairro vizinho Lém-Cachorro, se reúnem com certa antecedência para organizarem os detalhes das festas religiosas. Estes moradores idealizam essas festas com base na percepção de cada área existente no seu bairro: suas proximidades, acessibilidade e suas relações, para que esse evento cultural ocorra da melhor forma possível, sem degradar o meio ambiente e destruir o património público do bairro.

Essa acção sobre o espaço do bairro se concretiza entre os meses de Junho e Agosto, período de realização das festas, em que esse bairro passa por uma visível transformação: permanecendo enfeitado por bandeirinhas, laços, imagens de santos, crucifixos e flores de todas as cores. A pintura das casas é renovada e o bairro recebe maior número de visitantes. Estes, por sua vez, agem sobre a Geografia do bairro Paiol, por exemplo, durante as procissões de Santos que saem da Capela percorrem dois pontos extremos e opostos do bairro por duas ruas paralelas, momento de manifestação da fé, mas também de percepção da dimensão espacial e dos objectos que configuram o bairro.

O exemplo anterior remete a ideia do espaço sagrado que pode ser definido “como um campo de forças e de valores que eleva o homem religioso acima de si mesmo, que o transporta para um meio distinto daquele no qual transcorre sua existência” (Rosendahl *apud* Rosendahl, 1999, p.233) O espaço sagrado criado durante essas festas e procissões reacomoda toda uma estrutura paisagística do bairro, passando, a paisagem do Paiol, a ser percebida através dos símbolos e das funções religiosas que permanecem durante um período que varia de dois a três meses.

Retomando a questão dos objectos e das acções, existe, na realidade, uma relação dialéctica entre eles (Figura 13): os objectos moldam o sentido da acção humana, que por sua vez atribui forma e significados aos objectos. Essa relação nunca foi tão expressiva como é actualmente, em detrimento do contínuo desenvolvimento técnico científico e informacional.



**Figura 13: A relação dialéctica entre o objecto e a acção**  
**Fonte: A autora.**

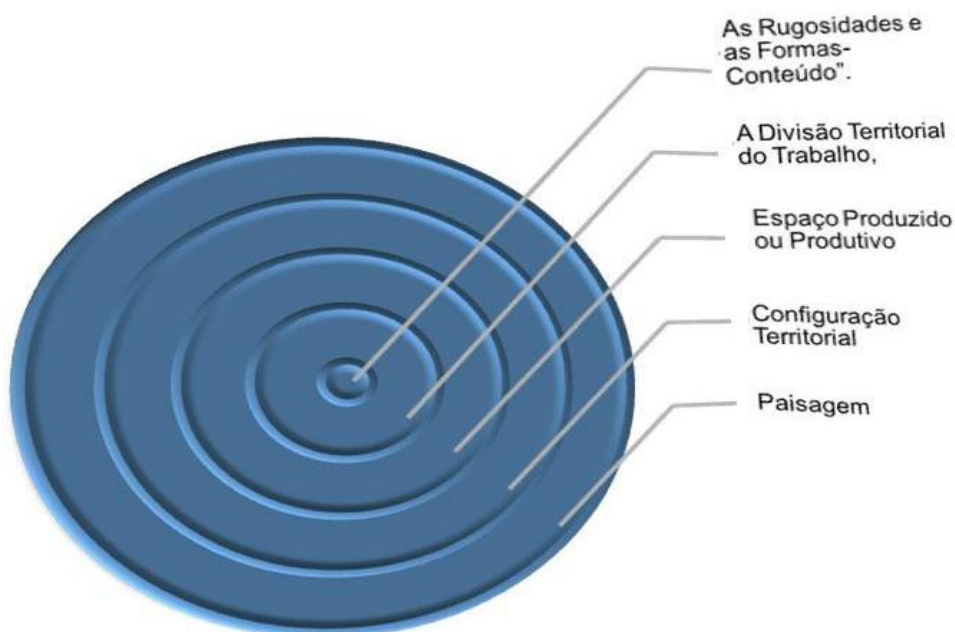
Com relação à seta recta que se encontra posicionada ao fundo da figura, ela mostra que, embora não se conheça o grau de intensidade e a velocidade com que essa dialéctica objecto-acção vem ocorrendo no espaço, o certo é que ela existe. A seta ainda sugere que essa própria relação dialéctica vem originando novos objectos e novas acções. Por isso a tendência à ampliação do sistema de objectos e do sistema de acções cujas características que apresentam actualmente, cada vez mais se distanciam das características iniciais.

O desenvolvimento da ciência, da tecnologia e dos meios de comunicação, exige, dentro de uma perspectiva de desenvolvimento socioeconómico, tanto do indivíduo particular quanto de uma nação, a adaptação ao novo ritmo das relações globais e locais. Tal adaptação consiste basicamente na reestruturação das acções e na re-significação dos objectos, gerando alterações nos arranjos espaciais que vêm se apresentando cada vez mais artificial – fruto do trabalho humano.

Nesse sentido, a ampliação da escala de reprodução espacial é uma tendência, e por isso a necessidade de analisar, de forma detalhista, o espaço. Em todo o caso, pouco adianta ao Geógrafo, a identificação e classificação dos objectos, das acções e o reconhecimento da relação dialéctica entre eles, se não assumir frente à sua pesquisa, uma categoria de análise espacial. Ela pode ser: “a paisagem, a configuração do território, a divisão territorial do trabalho, o espaço produzido ou produtivo, as rugosidades e as formas-conteúdo”. (SANTOS, 2006. p. 12-13). Observando o esquema representado na figura 14, percebe-se que estas categorias



permitem compreender e diferenciar as relações, os códigos, as tensões existentes ou ocorridas entre e/ou dentro de um espaço.



**Figura 14 - O espaço geográfico dividido em categorias de análise.**

**Fonte: SANTOS, 2006. (organizado pela autora)**

O dinamismo e a complexidade do espaço permitem ao Geógrafo adotar não apenas uma categoria analítica mas quantas se fizerem necessárias. Isso porque elas fluem entre si, pelo próprio conjunto indissociável que é o espaço. (SUERTEGARAY, 2000)

Essa flexibilidade nas escolhas das categorias poderá revelar o conteúdo existencial do recorte espacial em estudo: seus segredos e ambições, sua fragilidade e fortaleza, o bem e o mal que sobre ele se fixa – eis o diferencial do trabalho do profissional Geógrafo, eis o porquê da compreensão do espaço geográfico. Ele, o espaço, revela concomitantemente quem foram e quem são os seres que habitam o planeta, como agiam e agem, quais objectos existiam e existem, como foi, é e será a relação entre o sujeito e o objecto, enfim, como era, é, e será uma esquina, um bairro, uma cidade, um país - o mundo.

## 2.2. As diferentes leituras do espaço urbano

Para maior entendimento desse mundo heterogêneo e instável, repleto das mais variadas estruturas físicas, sociais, políticas, económicas e culturais que estão constantemente submetidas às alterações tanto físicas, tanto simbólicas, a Geografia como ciência se desdobra em vários ramos. Na origem desses desdobramentos estão as propostas de leitura do espaço. A Geografia Cultural, a Geografia Política, a Geografia Física, e a Geografia Urbana são alguns ramos dessa ciência, por conseguinte, cada uma delas apresenta seu viés de leitura espacial.

A Geografia Urbana, que é o ramo sobre o qual esse trabalho se apoia para, estuda temas que auxiliam na compreensão dos vários perfis que uma cidade apresenta, apresentou ou poderá apresentar, pois conforme Clark, ela

concentra sobre a localização e o arranjo espacial das cidades. Ela objectiva acrescentar uma dimensão espacial à nossa compreensão dos lugares e dos problemas urbano [...] identificar e explicar a distribuição de cidades, e as semelhanças e contrastes que ocorrem dentro e entre elas. (CLARK, 1982, p.18).

Nesse sentido, essa Geografia permite, por exemplo, registrar e analisar as transformações ocorridas na cidade, que, por sua vez, são retratos dos interesses tidos sobre o seu espaço. Convém, com isso, fazer a distinção entre a cidade e o urbano. Para tal, dois autores foram analisados, Santos e Souza. Na visão de Santos,

O urbano é frequentemente o abstracto, o geral, o externo. A cidade é o particular, o concreto, o interno. Por isso, na realidade, há histórias do urbano e histórias da cidade. Entre as possíveis histórias do urbano estaria a história das actividades que na cidade se realizam; do emprego, das classes, da divisão do trabalho [...] entre as histórias da cidade, haveria a história dos transportes, a história da propriedade, da especulação, da habitação, do urbanismo, da centralidade. (SANTOS, 1994, p.69-70)

Souza (1999) conclui essa distinção trazendo que a cidade é um conjunto de redes que podem ser materialmente visíveis, pois elas são estruturas concretas, enquanto o urbano é o abstracto que atribui o sentido e natureza a cidade.

Portanto, os objectos que compõem os cenários de uma cidade podem ser identificados e classificados, contudo, o porquê de suas existências poderá ser compreendido através de estudo dos contextos abstractos que os envolvem, nesse caso, há que se desprender a atenção para o espaço urbano que, segundo Corrêa, é

Simultaneamente fragmentado e articulado: cada uma de suas partes mantém relações espaciais com as demais, ainda que de intensidade muito variável. Estas relações manifestam-se empiricamente através de fluxos de veículos e de pessoas [...] no capitalismo manifesta-se através das relações espaciais envolvendo a circulação de decisões e investimentos de capital, mais-valia, salários, juros, rendas, envolvendo ainda a prática do poder e da ideologia. [...] É um reflexo da sociedade. Assim, o espaço capitalista é fortemente dividido em áreas residenciais segregadas, reflectindo a complexa estrutura social em classes. [...] O espaço da cidade é também um condicionante da sociedade. [...] O condicionamento se dá através do papel que as obras fixadas pelo homem, as formas espaciais, desempenham na reprodução das condições de produção e das relações de produção. (CORRÊA, 1989 p.7 - 9)

Considerando as características relativas ao espaço urbano, trazidas por Corrêa, constata-se que a sociedade tem um papel fundamental na atribuição das características físicas e no desenvolvimento socioeconómico da cidade. Seja qual for a classe social e a localização dos grupos dentro do espaço urbano, todos os habitantes da cidade, de modo geral, produzem e são responsáveis pela preservação ou não das estruturas físicas da cidade.

Os moradores promovem a articulação das áreas por meio de deslocamentos à procura de bens e serviços e até mesmo por uma simples visita familiar, gerando fluxos multidireccionais de informação, conhecimento e ideologias, e, por conseguinte, promovendo a integração da cidade: quanto mais frequentes forem as relações desenvolvidas entre as áreas da cidade, sejam elas relações comerciais, jurídicas, culturais e/ou sociais mais integradas encontram-se estas partes. (CORRÊA, 1989.)

Nesse sentido, estudar o espaço urbano de uma cidade requer que se conheça a intensidade das relações que ali se fazem presentes. Desse modo será possível compreender as disparidades socioeconómicas que cada vez mais intensificam o processo de segregação que é definido por Villaça, (2001, p. 148) como sendo o “processo segundo o qual diferentes classes ou camadas sociais tendem a se concentrar cada vez mais em diferentes regiões gerais ou conjuntos de bairros”.

Um exemplo de disparidade e segregação que vem a calhar são os perfis socioeconómicos apresentados pelos bairros Palmarejo, localizado na zona sul da cidade da Praia e Achada Eugénio Lima, localizado na zona centro da cidade da Praia: Palmarejo é um dos poucos bairros de expansão recente que apresenta um perfil habitacional (classificada como “a nova urbanização”, que se estende por uma área de 74 hectares), e dispõe de toda uma infra-estrutura de serviços urbanos, com excepção de iluminação pública (PDM, 2008-2020), ao contrário de Achada Eugénio Lima, que embora seja de expansão igualmente recente (últimos 20 anos), expõe uma ocupação desordenada no centro que vai se estendendo em direcção às encostas. As edificações são precárias em termos de estruturas e sujeitas a deslizamentos de terra. (PDM, 2008-2020)

Esses bairros possuem um carácter urbanístico diferenciado precisamente porque os seus habitantes são de classe sociais e económicas distintas. Em Achada Eugénio Lima, por exemplo, cerca de 0,4% da população tem ensino médio ou superior, 39% das casas têm televisão e apenas 32 casas em cada 100 têm banheiro com retrete, já Palmarejo cerca de 3 em cada 4 famílias vivem em casas individuais, apartamentos, mais de 6% da população tem nível superior e 90% das famílias têm televisão. (Instituto Nacional de Estatística - INE, 2010).

Ainda com relação à segregação, Palmarejo é hoje um dos bairros de maior concentração de classe média, o que resulta numa segregação que pode ser voluntária ou não, mas que gera ao mesmo tempo e pelo mesmo motivo (a questão socioeconómica) a segregação do bairro Achada Eugénio Lima, no caso, ou seja, trata-se de um processo que vem reorganizando as estruturas físicas das cidades capitalistas.

É interessante, quando se estuda as disparidades sócio espaciais existentes numa cidade, que se analise a actuação dos agentes sociais que reordenam o seu território, são eles (CORRÊA, 1989):

- Os donos dos meios de produção
- Os proprietários de terra
- Os promotores imobiliários
- O estado
- A população excluída.

Todos agem sobre o espaço urbano, em conjunto procuram explorar um único bem que é a terra. A sobreposição do uso do solo urbano é uma forma consciente de se reorganizar a cidade, pois ela gera uma densificação do sistema de objectos e acções sociais modeladores desse espaço. Suas acções são diferentes, mas todas elas são executadas baseadas num marco jurídico.

### **2.3. O espaço e o valor**

Outra questão interessante que a Ciência Geográfica permite analisar, sob a óptica do planeamento urbano, é a valorização do espaço. Relativo a essa ideia Moraes e Costa explicam que

Em qualquer época e em qualquer lugar, a sociedade, em sua própria existência, valoriza o espaço. O modo de produção entra aí, portanto, não como panacéia teórica, mas como mediação particularizadora [...] Assim, a relação sociedade-espaço é, desde logo, uma relação valor-espaço, pois substantivada pelo trabalho humano. Por isso a apropriação dos recursos próprios do espaço, a construção de formas humanizadas sobre o espaço, a perenização (conservação) desses constructos, as modificações, quer do substrato natural, quer das obras humanas, tudo isso representa criação de valor. (MORAES E COSTA, 1987, p.122-123)

Estes mesmos autores fazem uma distinção entre o valor do espaço e o valor no espaço, narrando que

A própria ideia do espaço geográfico de concepção empirista e naturalista revela uma perspectiva centrada naquilo que aqui chamamos de valor do espaço. Por outro lado, a ideia do espaço económico, tal como posta pela economia marginalizada, revela uma abordagem exclusiva daquilo que denominamos de valor no espaço. (MORAES E COSTA, 1987, p. 123)

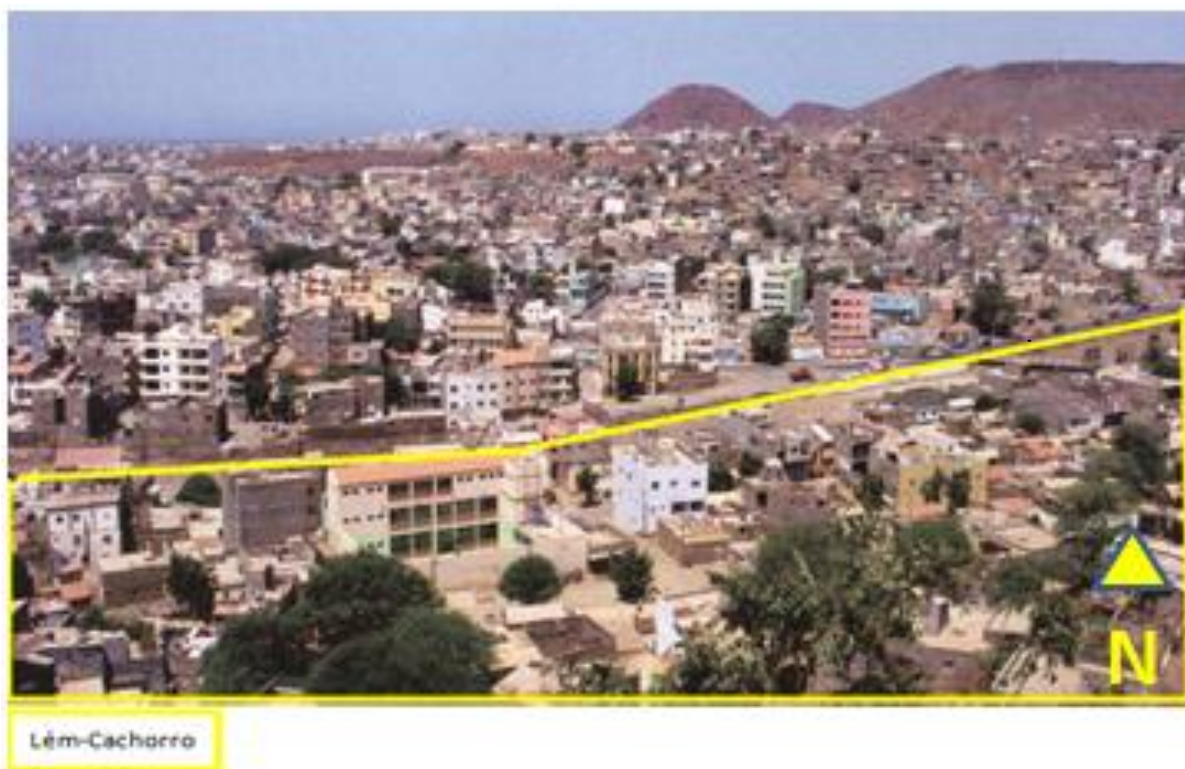
Portanto, com relação ao valor do espaço, quanto mais belo e encantador for os elementos naturais de uma área e/ou quanto mais recursos naturais apresentar, mais valor ela representa – valor do espaço – que também pode ser calculado pela existência de criações antigas que representam um histórico significativo das relações e dos momentos que se fizeram no passado. Estes objectos antigos complementam a concepção de que o espaço geográfico é também construído pelas funções sociais justificadas pela combinação dos meios de produção e trabalho, ou seja, os objectos pouco comunicam, caso sejam despidos do contexto sociopolítico cultural e económico. Eles são as rugosidades do espaço (SANTOS, 2006) que serão discutidos mais adiante.

Por outro lado, o valor no espaço são os objectos criados pelo homem para viabilizar a satisfação de sua necessidade, nesse caso, as infra-estruturas que garantem os direitos como a saúde, educação e segurança são avaliadas como sendo valores no espaço, quando apresentam serviços de qualidade.

Trata-se, portanto, de um estudo um tanto quanto delicado, pois ele envolve o valor material – orientado pela visão económica, e isso inclui tanto o valor do e no espaço - e o valor sentimental – não palpável, que inclui a questão da identidade, o vínculo firmado com o espaço que se convive. Muitas vezes o choque entre o valor material e o valor sentimental, torna um projecto que tem como finalidade a reorganização de uma área urbana e a promoção do bom funcionamento da cidade, inoperante.

O caso da densificação do crescimento vertical do bairro de Lém-Cachorro (Figura 15), é um exemplo que poderá completar a leitura do parágrafo anterior: por um lado ela reflecte, entre outros motivos, a falta de espaços para a construção habitacional, a identidade que os moradores têm com esse espaço ao ponto de se recusarem a morar em outros bairros. Por outro lado, deixa explícita a dificuldade em ordenar esse território de modo a implantar nele as infra-estruturas públicas que

permitem mais valorização do seu espaço, pelos próprios moradores e demais habitantes da cidade.



**Figura 15: A densificação do crescimento vertical em Lém-Cachorro – 2010.**

**Fonte: PMD 2008-2010 (adaptada pela autora)**

Por conseguinte, essa distinção entre o valor no espaço e o valor do espaço se torna útil para o planeamento urbano. Quando assumida como um dos vieses de questionamento das manifestações sociais, naturais, económicas e culturais presentes na área a ser planejada, ela norteará as etapas do planeamento. Dessa forma o fracasso, o desperdício de capital económico e financeiro poderá ser evitado e a paisagem urbana poupada de alterações desnecessárias.

Considerar os valores de, e existentes numa área a ser submetida à alteração geográfica, trará maiores garantias de que a valorização desse espaço irá permanecer a mesma ou aumentar. Caso não se levasse em conta esses valores, haveria maiores possibilidades da área perder a sua valorização.

Deixando de lado essa interpretação de valor sob o ponto de vista do planeamento urbano, é também relevante que na avaliação do uso dos espaços da

cidade, principalmente as cidades capitalistas, se tenha presente a ideia, elaborada por Carlos, de que

O uso da cidade remete-nos a análise das relações sociais de produção. O mercado será o elo, e os seus mecanismos determinarão a garantia de acesso à propriedade privada, pela possibilidade de pagamento do preço da terra. Os factores que determinarão a formação do preço vinculam-se principalmente a inserção de determinada parcela no espaço urbano global, tendo como o ponto de partida a localização do terreno (por exemplo, no bairro), o acesso aos lugares ditos privilegiados (escolas, shopping, centros de saúde, de serviços, lazer, áreas verdes, etc.), à infra-estrutura (água, luz, esgoto, asfalto, telefone, vias de circulação, transporte), à privacidade. [...] Finalmente um factor importante: o processo de valorização espacial. (CARLOS, 1992, p.48)

Nesse caso, o solo urbano está sendo avaliado como sendo um bem de consumo cujo acesso, ou ainda, a ocupação se dá pela diferença do valor económico. Uma porção mais valorizada, em função dos factores já citados por Carlos (1992), apresentará um arranjo particular que representa o *status* social e económico de quem a frequenta – de quem pode pagar por ela.

Logo, a população que não possui condições financeiras para pagar o preço de uma terra valorizada acaba não se fixando nela. Disso resulta a existência de bairros de ocupações espontâneas em terras menos valorizadas, ou seja, o processo de valorização orienta a distribuição da população, dos bens e dos serviços dentro da cidade.

### Retomando Correa

A complexidade da acção dos agentes sociais inclui práticas que levam a um constante processo de reorganização espacial que se faz via incorporação de novas áreas ao espaço urbano, densificação do uso do solo, deterioração de certas áreas, renovação urbana, relocação diferenciada da infra-estrutura e mudança, coercitiva ou não, do conteúdo social e económico de determinadas áreas da cidade. É preciso considerar entretanto que, a cada transformação do espaço urbano, este se mantém simultaneamente fragmentado e articulado, reflexo e condicionante social, ainda que as formas espaciais e as suas funções tenham mudado (CORREIA, 1989, p.11).

Essas transformações nos remetam a ideia de caos, pois o espaço permanece dividido em áreas com diferentes valores de uso, articuladas entre si, precisamente, pelo desequilíbrio das suas funções.



Isso significa que se todas as áreas urbanas desempenhassem papéis exactamente iguais, provavelmente os produtos urbanos seriam os mesmos. A cidade seria então, homogénea e os processos de reorganização de seu espaço seriam muito mais lentos e previsíveis. Além disso, cidades com certo grau de desordem sócio espacial, poderiam se valer das cidades mais organizadas, copiando as suas directrizes e solucionando o caos da desordem espacial.

Por estar em constante reorganização (Carlos, 1992), o espaço da cidade pode assustar aqueles que a observam desprovidos da visão crítica: percebendo nele o caos, mas, cometendo o equívoco de considerar esse caos como uma indicação da deficiência das estruturas urbanas, não cogitando a hipótese de uma manifestação de tensão entre o moderno e o antigo em substituição, típico dos países em desenvolvimento.

#### **2.4. Sobre a leitura do urbano**

Essa ideia de fragmentos articulados constitui um vasto campo de estudo para o Geógrafo Urbano, uma vez que ela expõe as diversas modalidades de leitura e interpretação do espaço da cidade. Leituras estas que podem ser muito interessantes quando realizadas nas entrelinhas desses fragmentos e dessas articulações procurando os artefactos, códigos e símbolos que a cidade esconde. Elas podem ser sob o ponto de vista dos valores morais e das manifestações culturais, das funções e dos significados das localizações, das tensões que recaem sobre fisionomia da paisagem, do meio ambiente e da qualidade de vida, do *stress* sócio espacial gerado nas lutas pela sobrevivência etc..

O espaço urbano está à mostra por meio da materialidade presente na paisagem da cidade. Portanto, ele pode ser visto, apreciado, criticado, rejeitado ou até mesmo reinventado, pois ele

define-se [...] não como realidade acabada, situada, em relação realidade actual, de maneira recuada no tempo, mas, ao contrario, como horizonte, como virtualidade iluminadora. O urbano é possível, definido por uma direcção, no fim do percurso que vai em direcção a ele. Para atingi-lo, isto é, para realizá-lo, é preciso em princípio contornar ou romper os obstáculos

que actualmente o tornam impossível. (LEFEBVRE *apud* CAVALCANTI, 2001, p.11)

Para eliminar esses obstáculos que impedem muitas pessoas de terem acesso a cidade, o indivíduo tem que, antes de tudo, estar ciente de que o próprio pertence a cidade, a partir dessa conscientização, ele estará mais atento aos acontecimentos dentro da cidade lendo-os considerando o seu ponto de vista.

A paisagem geográfica 'é um meio de compreender os arranjos da cidade. Ela pode ser superficialmente definida como sendo tudo aquilo que se vê na superfície da terra. Mas, essa definição não se adequa aos estudos da Geografia que é uma ciência que procura ultrapassar a banalidade e a superficialidade dos conteúdos relativos ao espaço. A paisagem é uma das categorias analíticas do espaço. Motivo pelo qual Berque minimiza a primeira definição aqui colocada, defendendo que

a paisagem não reside somente no objecto, nem somente no sujeito, mas na interacção complexa entre os dois termos. Esta relação que coloca em jogo diversas escalas de tempo e de espaço implica tanto a instituição mental da realidade quanto a constituição das coisas. (BERQUE *apud* HOLZER, 1999, p. 163)

Então, poderá a paisagem ser o acervo histórico do espaço geográfico? A colocação de Suetegaray e Guasselli poderá aproximar à resposta, já que para eles

“a paisagem é em grande parte associada à ideia de imagem e cabe descrevê-la, enquanto expressão de processos. [...] A paisagem não é apenas a forma, a configuração, é resultado de processos não visíveis, mas possíveis de serem indeferidos.” (SUETEGARAY, GUASSELLI, 2004, p. 27)

Tanto Berque como Suetegaray e Guasselli (2004) entendem que na origem da paisagem estão os processos ocorridos numa escala de tempo passado. Atribuem à paisagem o fardo de testemunho sólido, ou material por assim dizer, dos feitos sociais ocorridos numa fracção da superfície.

Ainda assim convém esclarecer que paisagem e espaço não são sinónimos. Quanto a isso Santos explica que “a paisagem é o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza. O espaço são essas formas mais a vida que as anima.” (SANTOS, 2006, p.67)

A vida a que o autor se refere são os processos sociais. Daí uma constatação:

- Actualmente convive-se com as vidas do passado, não porque elas animam as formas de hoje, até porque o dinamismo do espaço não permite a perpetuação dos mesmos processos sociais, mas sim porque elas se fixam no espaço em forma de objectos.

Conclui-se com isso que não cabe considerar a paisagem um acervo histórico do espaço geográfico, porque ela 'é uma realidade concreta formatada por objectos do passado e do presente. Por isso ela é trans-temporal. (Santos, 2006)

Quando se considera a paisagem uma realidade composta por objectos do passado e do presente, logo aparece a ideia de rugosidade. As rugosidades são registos das combinações entre o conteúdo social e a técnica que atribuíram sentido a um dado espaço num tempo remoto. Nas palavras de Santos

Chamemos rugosidade ao que fica do passado como forma, espaço construído, paisagem, o que resta do processo de supressão, acumulação, superposição, com que as coisas se substituem e acumulam em todos os lugares. As rugosidades se apresentam como formas isoladas ou como arranjos. É dessa forma que elas são uma parte desse espaço [...] as rugosidades nos trazem os restos de divisões do trabalho já passadas (todas as escalas da divisão do trabalho), os restos dos tipos de capital utilizados e suas combinações técnicas e sociais com o trabalho. (SANTOS, 2006, p.92)

A presença de rugosidades nas paisagens geográficas da actualidade passa uma ideia de conflito temporal-artístico. Primeiro porque estas se fixam entre os mais novos e actualizados objectos da superfície da Terra. Segundo, devido ao fato de ambos serem resultados de técnicas e de trabalhos diferenciados.

Além disso, a complexidade funcional das rugosidades e dos objectos varia. Com relação a essa ideia, Moles explica que "a complexidade funcional de um objecto está relacionada com o repertório de funções que podem ser combinadas no seu uso [...] A complexidade funcional é a dimensão estatística dos usos." (MOLES *apud* SANTOS, 2006, p. 43)

Completando, Santos afirma que a complexidade das funções de um objecto diz respeito a “o que podemos fazer com o objecto, o que ele nos pode oferecer, como podemos usá-lo.” (SANTOS, 2006, p.43)

Com isso, o fato das rugosidades não serem, obviamente, submetidas a uma reestruturação física que lhes possibilite maiores adaptações aos contextos sociais, políticos e administrativos de uma região, faz delas objectos menos complexos. Em contrapartida, os objectos geográficos, sobretudo os que são frutos do intenso desenvolvimento científico e tecnológico que se verifica no século XXI, apresentam estruturas físicas que suportam uma série de funções. São mais complexos.

Tanto se fala em modernidade e inovação, porque as rugosidades ainda prevalecem em muitas paisagens, sobretudo nas urbanas tidas hoje como vitrinas da modernidade e do desenvolvimento?

A resposta pode estar na beleza e no valor do objecto. O valor, este, varia conforme a repercussão do conteúdo técnico e social que lhe deu origem: quanto maior a grandeza histórica de uma rugosidade, mais valiosa ela é, logo aumenta o valor e a representatividade do espaço.

Estudar uma paisagem requer uma indicação prévia do enfoque da pesquisa para que se proceda a definição dos elementos a serem envolvidos e a escala a ser trabalhada. (SCHIER, 2003) Se o enfoque for naturalista, os elementos da paisagem a serem envolvidos são de carácter natural. Caso o enfoque seja cultural, os elementos a serem envolvidos terão carácter sociocultural. Já a escolha da escala pode depender, entre outras coisas, dos recursos financeiros destinados à pesquisa, dos instrumentos de pesquisa, da disponibilidade de tempo, e, claro, da finalidade do estudo.

Portanto, não existe tempo predeterminado para se observar a paisagem, e nem uma técnica consolidada que determine o modo como observá-la. No entanto, uma análise científica da paisagem, dentro da lógica e dos princípios da Geografia, requer planeamento de tempo e metodologia.

### 3. ANÁLISE DO PROCESSO DE (RE) CONFIGURAÇÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO DO BAIRRO DE LÉM-CACHORRO

Após o estudo de temas relevantes para a compreensão do espaço da cidade, parte-se para uma abordagem geográfica mais específica que é a do bairro de Lém-Cachorro - o que resume numa trajectória partindo do global, no caso a cidade, para o local, o bairro. Em sua obra *ÁFRICA: o berço da humanidade e a fonte da eternidade*, Vassoa (1999) traz relação entre o sujeito e o local, referindo, também ao global

Só tu entendes o meu símbolo e o meu signo de união.  
 Só tu conheces a razão do meu valor e o valor da minha razão.  
 Só tu decodificas os meus significados e significantes naturais.  
 Só tu aspiras e respiras raízes dos meus egos culturais.  
 Só tu, só tu, só tu... Porque só tu sentes e vives aqui, comigo.  
 Só tu sabes que, o que é vier com ar global e se unir no meu figo,  
 Só poderá conviver com o meu mundo natal,  
 mas nunca eliminar o meu símbolo, valor e signo secular.  
 ("O local e o global", Afonso Vaz Vassoa, 1999, p. 27)

O poeta enfatiza a grandeza do local atribuindo-lhe características de um ser vivo dotado de entendimento, conhecimento e sabedoria. No entanto, o ser vivo é palpável, e, o sujeito poético leva a crer que o local não é palpável: a sua importância e o seu significado vão além do que se vê, é o que se sente, se imagina.

Ele comprova essa percepção ao colocar que "só tu sabes que, o que vier com ar global e se unir no meu figo, só poderá conviver com o meu mundo natal, mas nunca eliminar o meu símbolo, valor e signo secular"; o seu mundo natal é o mundo de objectos, condição de concretude.

Essa leitura despertou as seguintes exclamações: o bairro de Lém-Cachorro estaria encaixado na visão local do poeta, ou seria ele, simplesmente, um mundo

natal?! Terá ele valores e signos?! Até que ponto pode se responsabilizar a interferência global, pelas configurações geográficas desse bairro?

O uso da palavra configuração é comum na Geografia. Quando se fala de configuração geográfica ou territorial está se referindo ao

conjunto formado pelos sistemas naturais existentes em um dado país ou numa dada área e pelos acréscimos que os homens superimpuseram a esses sistemas naturais. A configuração territorial não é o espaço, já que sua realidade vem de sua materialidade, enquanto o espaço reúne a materialidade e a vida que a anima. A configuração territorial, ou configuração geográfica, tem, pois, uma existência material própria. (SANTOS, 2006, p.38)

Pode-se naturalmente, estudar a configuração territorial isolada da configuração espacial ou vice-versa. Mesmo assim, dependendo dos objectivos de uma pesquisa e das situações com que ela se depara na medida em que for sendo desenvolvida, faz-se necessário a união entre esses dois conceitos. Nesse caso, um pode justificar o outro - um questionamento a respeito da configuração territorial de uma área pode ter sua resposta na configuração espacial dessa mesma área, ou vice-versa.

Com relação ao espaço geográfico, quando se aproxima o prefixo (re) à palavra configuração, estar-se-á expondo as dúvidas e/ou as possibilidades. São elas que motivaram o desenvolvimento dessa pesquisa. As dúvidas surgiram a partir das observações sucessivas das paisagens – os objectos - e do comportamento – as acções – dos habitantes do bairro de Lém-Cachorro.

### **3.1. O Bairro de Lém-Cachorro**

Antes de prosseguir no estudo do bairro de Lém-Cachorro, convém retomar um conjunto de aspectos que definem um bairro (CMP, 2008-2020), são eles:

- ✓ Habitação organizada;
- ✓ Prestação de serviços complementares das actividades humanas, da vivência sociocultural e da segurança;

- ✓ Possibilidade de uma vivência pessoal do espaço;
- ✓ Formação de entidades socioculturais.

Ainda que seja considerado um bairro de ocupação e crescimento espontâneo, e, que, por conseguinte, reúne uma série de características relativas a esse perfil de ocupação (pautadas anteriormente), Lém-Cachorro é, para a CMP, um bairro. Logo, fica subentendido que, como tal, ele comporta em seu território todos os aspectos acima listados. Desde já uma contradição! Mais adiante serão abordadas, enfaticamente, as características geográficas desse bairro, de modo a concluir se essa classificação de bairro lhe é atribuída de maneira equivocada ou não.

Assim sendo, cabe, primeiramente, identificar a área em estudo. O bairro de Lém-Cachorro encontra-se localizado na zona leste da Cidade da Praia. Infelizmente o PDM não esclarece e muito menos estabelece a delimitação da área relativa ao bairro. Na figura 16 é possível observar que, mesmo se tratando do mapeamento da zona leste da cidade, o bairro de Lém-Cachorro não se encontra identificado, o que, de certa forma, dificulta qualquer interpretação e inferência a respeito da sua localização, por parte daqueles que a desconhecem.



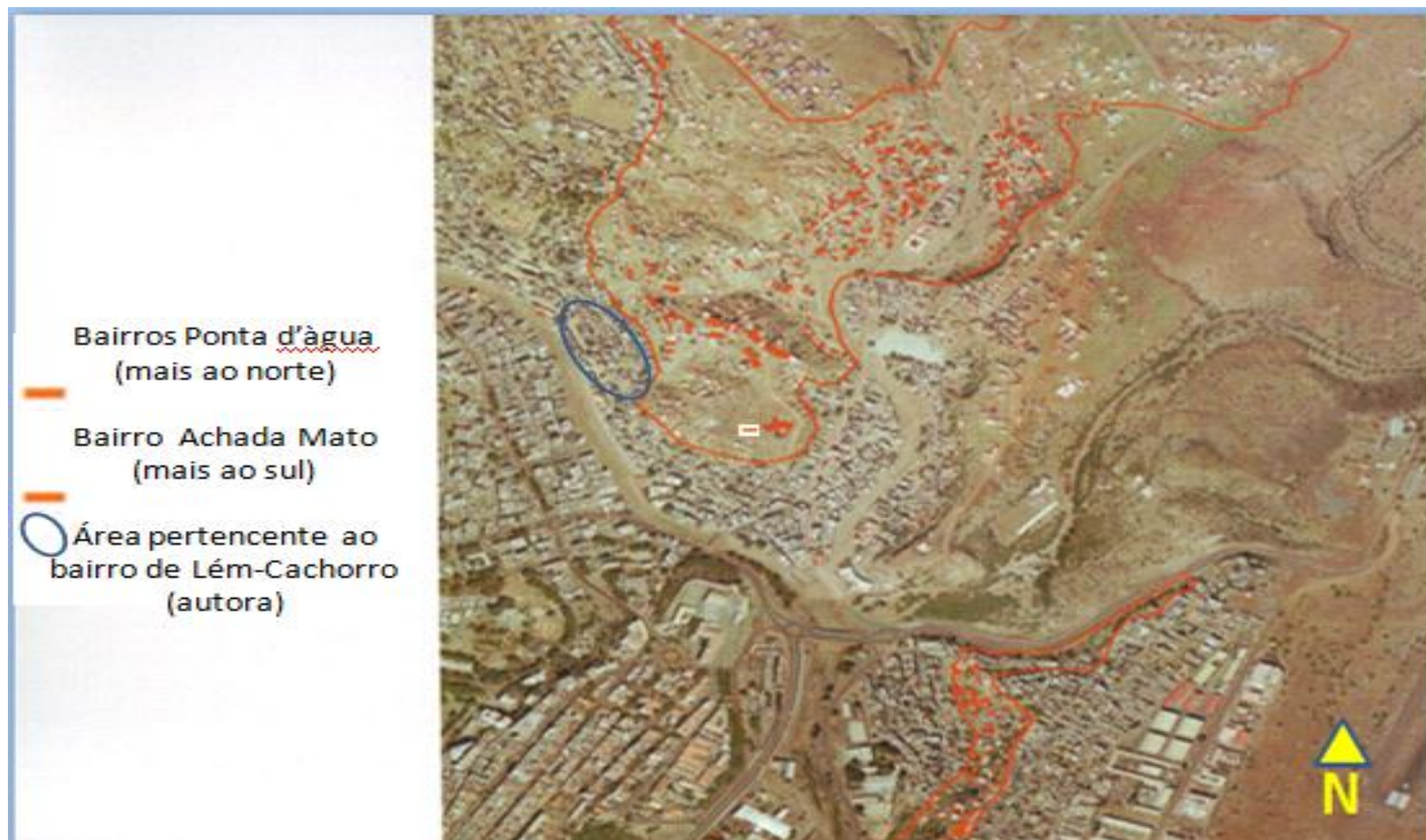


Figura 16: Zona Leste da cidade da Praia. Fonte: CMP, 2008-2010. (adaptada pela autora).

Pensando nisso, estabeleceu-se uma delimitação aproximada da área (figura 17) capaz auxiliar no desenvolvimento dessa pesquisa.



**Figura 17: Área sintética do Lém-Cachorro.**  
**Fonte: Google Earth, 2007. – Adaptada pela autora**

A dificuldade tida nessa etapa de delimitação de área reside na homogeneidade da paisagem. Ainda na Figura 17, é possível constatar que a assimetria das construções e a ausência de sistemas viários favorecem uma falsa percepção de continuidade do bairro, conforme foi visto anteriormente, no capítulo 1.

Desconhece-se a idade exacta do bairro, contudo o PDM (2008-2020) realça que o processo de ocupação espontânea dos bairros da cidade se intensificou a partir de 1975, com a independência nacional. Refere-se a um período caracterizado por intenso êxodo rural motivado pelas dificuldades da vida no campo.

Conforme foi aqui analisado, o fato do espaço geográfico ser, sobretudo, produção social, justifica a dinâmica com que ele vem sendo reorganizado. Trata-se

da busca pelo equilíbrio sócio espacial. Essa busca, cuja velocidade depende, cada vez mais do desenvolvimento técnico-científico, varia de território para território. Com base nessa constatação, pretende-se dar início à análise do processo de (ré) configuração espacial do bairro de Lém-Cachorro.

Para que essa análise tenha fundamento é necessário compreender a formatação geográfica da área em dois recortes temporais – o passado e o presente. A dificuldade em ter acesso aos documentos que registam a vivência social nesse espaço ao longo do tempo, o modo como se encontravam e se encontram organizados os seus objectos geográficos e a intensidade variada dos diferentes processos sociais, culturais, políticos e económicos que ali ocorrem, levou a aplicação de questionários aos moradores do bairro.

O fato de conhecer minimamente a relação de idosos existentes no bairro e a sua residência facilitou a delimitação da amostra cujo procedimento se deu da seguinte maneira: atribuição de nomes de fictícios às ruas do bairro. Os nomes atribuídos foram os mesmos nomes dos moradores mais conhecidos, por Exemplo, a rua em que o morador mais conhecido é o Senhor Luciano, foi chamada de Rua do Senhor Luciano, a rua em que a moradora mais conhecida é *Nhâ* Maria foi chamada de Rua de *Nhâ* Maria e assim procedeu-se com as demais ruas.

Em seguida, cada rua foi visitada para fazer o levantamento dos nomes das pessoas idosas ali residentes. Ao final de todo o levantamento, os nomes foram colocados numa caixa de papel e sorteados com os olhos vendados. Foram 75 sorteios. O questionário apresenta 11 questões e foi aplicado aos idosos nos dias 26, 27 e 28 de Setembro. As questões tinham como finalidade conhecer a precedência dos moradores, e saber como era o bairro sob o ponto de vista das relações ali estabelecidas, a condição de ocupação e moradia, vegetação, infra-estruturas públicas e saneamento básico, segundo as lembranças mais remotas.

O procedimento para a aplicação de questionário aos adultos de Lém-Cachorro foi deferente. Optou-se por abordar 75 adultos nas diferentes ruas do bairro. Aos adultos foram feitas 20 questões nos dias 29 e 30 de Setembro e 1 de Outubro. O objectivo foi conhecer a as características actuais do bairro no que toca

o perfil de uso e ocupação do solo, as infra-estruturas públicas existentes, os problemas que comprometem a relação social, o desenvolvimento socioeconômico bem como a articulação do bairro de Lém-Cachorro com os demais bairros da capital.

Pode ser observado na figura 18, que a maioria da população idosa, 60%, reside no bairro há mais de 70 anos. Esse dado é de certa forma, muito positivo para esse trabalho, no sentido que favorece uma maior aproximação da realidade vivida nesse espaço num período mínimo de 70 anos.



**Figura 18: Tempo que reside no Bairro de Lém-Cachorro.**  
**Fonte: Elaborada pela autora, com base no questionário B.**

Apenas 3% da população idosa não sabe o certo há quantos anos reside no bairro. As exposições trazidas no próximo item foram baseadas nas respostas do questionário B (apêndice B).

### **3.2. Perfil de moradia, uso e ocupação do Bairro.**

As primeiras casas existentes no bairro foram construídas a partir de argila e do basalto, rocha de origem vulcânica muito comum em todo o arquipélago. Ela é vulgarmente chamada de pedra, pelos moradores do bairro, e, foi o material mais utilizado pelos pedreiros na construção civil. Para que se tenha a noção da divisão social do trabalho, estes pedreiros eram distinguidos uns dos outros conforme a



função que desempenhavam, por exemplo, os que quebravam o basalto eram conhecidos por todos como sendo o pedreiro que quebra a pedra. Então, no caso da necessidade desse serviço, a população do bairro sabia a quem recorrer.

Essa ocupação exigia o mínimo de conhecimento das propriedades físico-químicas das rochas, conhecimento este adquirido com os antepassados. Eles ensinavam, por exemplo, a detectar a superfície de clivagem da rocha, para que o corte resultasse nas figuras geométricas desejadas, sem que ocorresse o desperdício desse material.

A figura 19 é o exemplo desse tipo de habitação. Nela pode-se constatar que o teto das casas era feito à base de folhas secas, chamadas genericamente de palhas. Esse trabalho era realizado pelos homens, que empregavam cuidados e técnicas às palhas de modo a resistirem ao tempo.



**Figura 19: Casas de Pedra com teto de palha.**  
**Fonte: AMARAL, 1967, Est. L.**

O número de famílias que residiam no bairro era muito reduzido, por isso, não havia muitas casas. As poucas que existiam se localizavam entre o sopé da montanha e o canal de drenagem, formando, assim, uma faixa paralela a estes. A

extensão aproximada dessa referida faixa de ocupação do bairro a partir da década de 40 pode ser visualizada na figura 20.

As residências se encontravam afastadas umas das outras, logo, havia o predomínio de espaços vazios. No entanto, estes espaços vazios encontravam-se atrelados a vida do bairro, pois neles praticavam-se agriculturas de subsistência cujas culturas predominantes eram milho, couve e batata-doce. Além disso, pequenos muros eram construídos para recolher os animais durante a noite, já que durante o dia eles circulavam soltos pelas ruas. Cabras, porcos, galinhas e vacas, eram as espécies mais comuns.



**Figura 20:** A faixa aproximada da ocupação inicial do bairro de Lém-Cachorro.  
**Fonte:** Google Earth, 2007. (Adaptado pela autora)

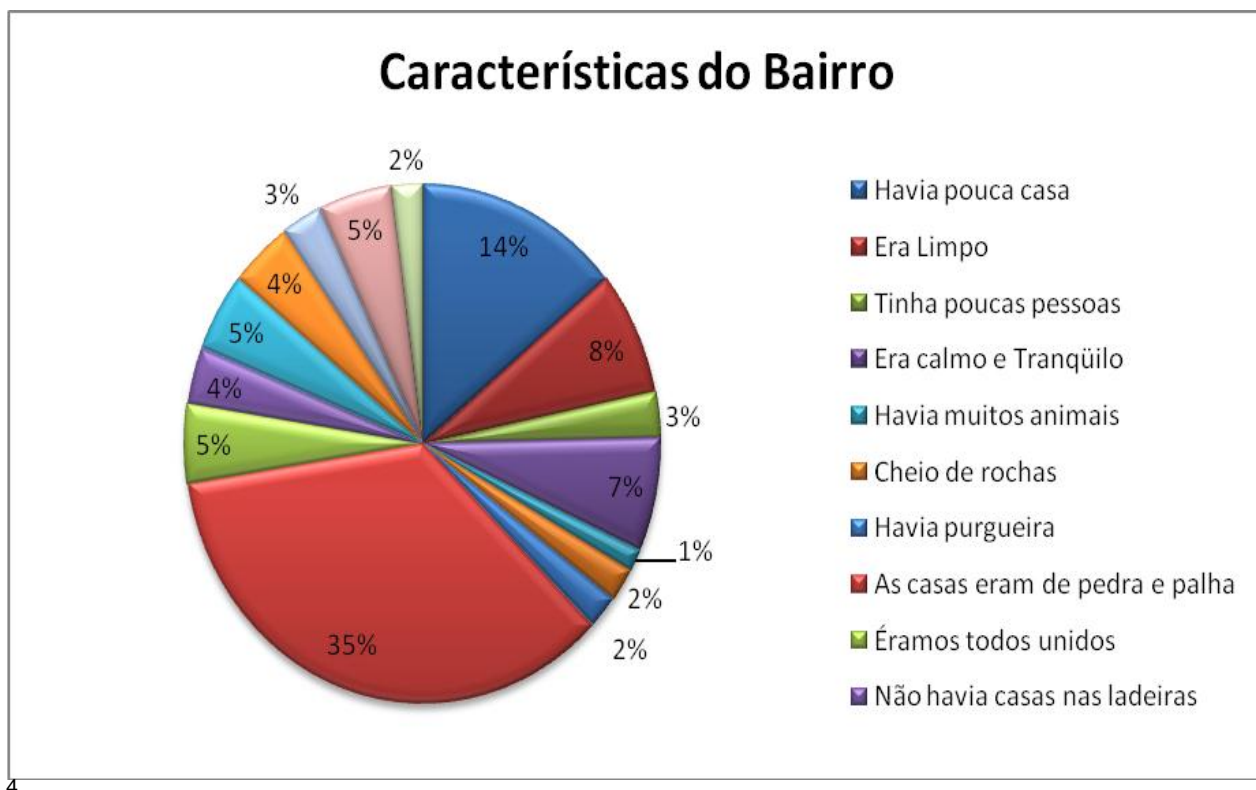
Contam os moradores antigos, que estes espaços vazios, vulgarmente chamados de “*kobom*”<sup>2</sup> ou “*txáda*”<sup>3</sup> encontravam-se a cuidado de todos aqueles que residiam no bairro, mesmo não sendo todos donos das hortas e dos animais. Isso deixa transparecer a união e a segurança que se vivia no bairro. Esses são alguns

<sup>2</sup> Palavra utilizada para identificar um vale.

<sup>3</sup> Palavra utilizada para identificar uma área de planície.



dos aspectos que, directa e indirectamente caracterizavam o espaço geográfico de Lém-Cachorro. A figura 21 apresenta outras características do bairro com base nas respostas comuns dos moradores, quando questionados, de maneira livre (sem opções de respostas), a respeito das características do bairro antigamente.



**Figura 21: Características do Bairro de Lém-Cachorro**  
 Fonte: elaborada pela autora, com base no questionário B.

Percebe-se certa contradição quando estes senhores afirmam que havia muitos animais, que estes permaneciam soltos pelas ruas, e que o bairro era limpo. Logo, nota-se que o saneamento básico é uma questão muito relativa. O fato dos moradores conviver diariamente com os animais, num mesmo espaço, de maneira alguma significou, para eles, falta de higiene. Apenas nos anos noventa, com a grave epidemia da cólera que se instalou em Lém-Cachorro, e em outros bairros,

<sup>4</sup> A Purgueira, a que se referem os moradores de Lém-Cachorro, é uma espécie vegetal comum na ilha de Santiago. Ela é também conhecida por “ouro negro”, pois de suas sementes extrai-se o óleo de purga, muito utilizado para fins medicinais. A extracção do óleo da purgueira era uma das actividades que mais produziam lucros para os nossos colonizadores no início do século XX. Actualmente, o governo de Cabo-Verde estuda a retomada dessa actividade, porém para produzir biodiesel.



diga-se de passagem, veio à tona as consequências do cenário anti-higiénico em que se vivia.

As campanhas de limpeza do bairro, patrocinadas pelo governo, fizeram com que, mesmo com algumas resistências por parte das famílias, aos poucos fosse diminuindo o número de animais nas ruas. Essa resistência se justifica por alguns motivos lógicos listados a seguir:

- A dificuldade financeira em comprar produtos importados como arroz, açúcar, feijão, fez com que essa população mantivesse as actividades agro-pecuárias de subsistência trazidas do meio rural.
- Para garantir, sobretudo as carnes e o leite na dieta, era necessário que os animais sobrevivessem se alimentando, no entanto, a aridez do clima dificultava a formação de pastos, logo, estes eram soltos para procurarem alimentos pelos cantos do bairro. Muitas vezes os alimentos eram frutas e folhas das poucas árvores existentes no bairro, como as Acácias Americanas.

O fato do número de casas serem reduzidas justifica o forte elo entre os vizinhos, que realizavam trocas de produtos alimentares e de serviço (costura, carpintaria etc.). A inexistência de ocupações nas encostas remeteu à percepção de que havia mais rochas, quando na realidade o predomínio de rochas não variou, elas apenas se apresentam, hoje, de forma menos expostas, como poderá ser constatado na secção seguinte que irá abordar a Geografia actual do bairro.

### **3.3. Lém-Cachorro – século XXI**

Para melhor compreender a Geografia actual do bairro, utilizaram-se as respostas do questionário (apêndice A) aplicado aos adultos residentes no bairro. Respostas estas que serviram de base para as exposições que se seguem.

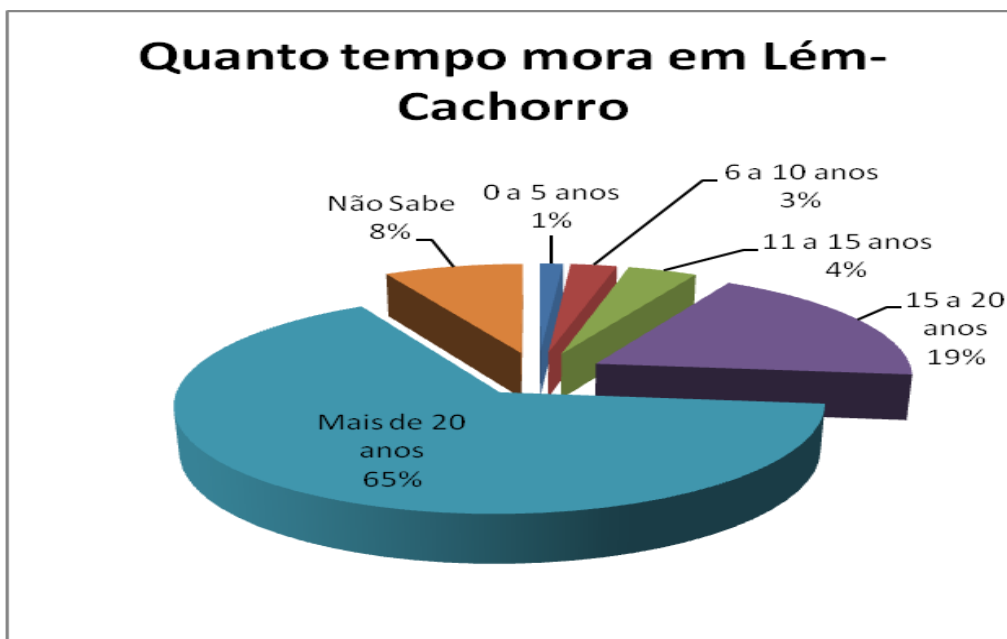
Estima-se que nesse ano de 2010 a população de Lém-Cachorro seja de 2.145 habitantes. Este aumento da população deu origem ao fenómeno do super--

adensamento das edificações resultando na falta de espaços para implantação de infra-estruturas e equipamentos públicos. (PDM, 2008-2010)

De onde vieram tantas pessoas? Porque escolheram o bairro? Analisando o gráfico da figura 22 nota-se que 38% dos moradores com mais de 60 anos de idade têm mais de 10 filhos. Confrontando-o com o gráfico da figura 23 que indica que 67% dos habitantes com idade compreendida entre 25 e 55 anos moram nesse bairro há mais de 20 anos, supõe-se, então, que estes são descendentes dos antigos moradores.



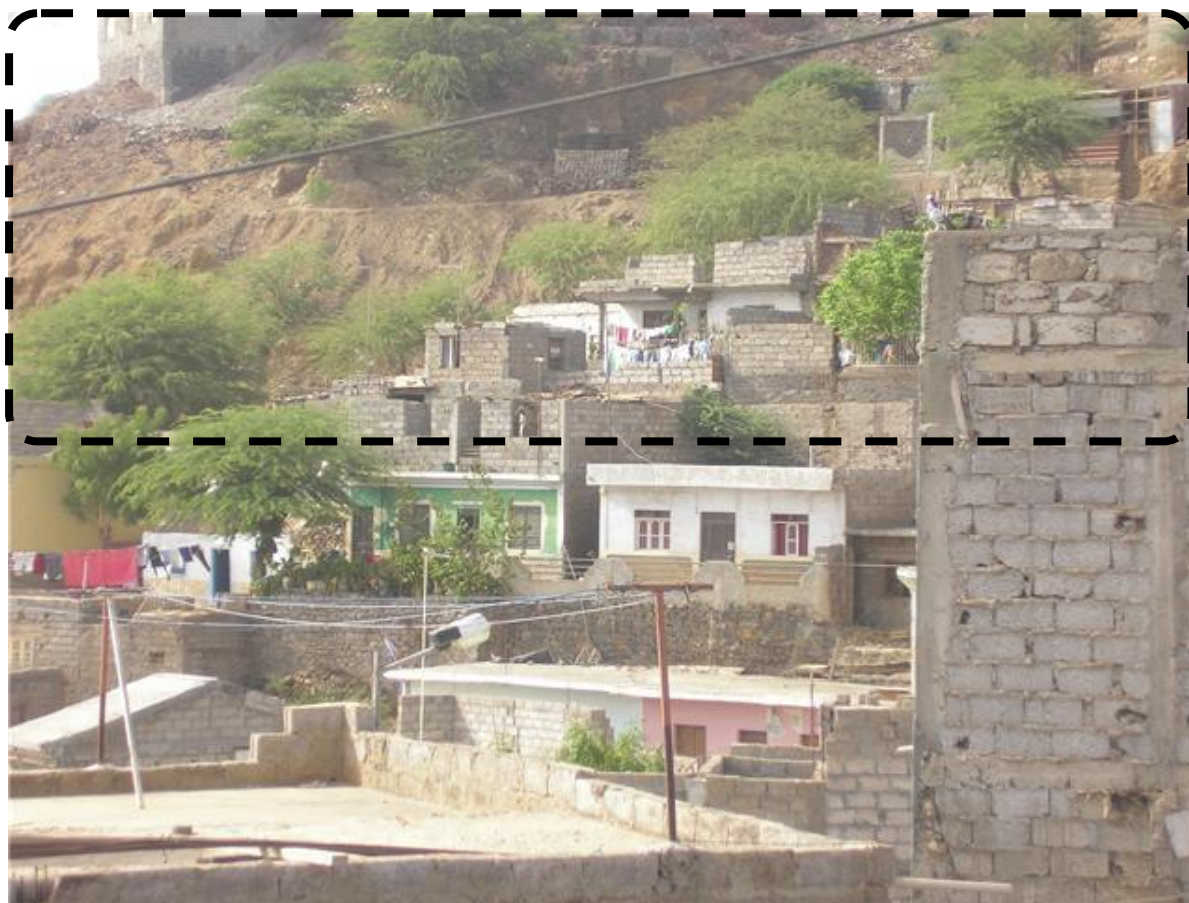
**Figura 22: Número de filhos da população com mais de 60 anos.**  
**Fonte: Elaborada pela autora, com base no Questionário B.**



**Figura 23: Tempo que reside no bairro de Lém-Cachorro.**  
 Fonte: Elaborada pela autora, com base no Questionário A.

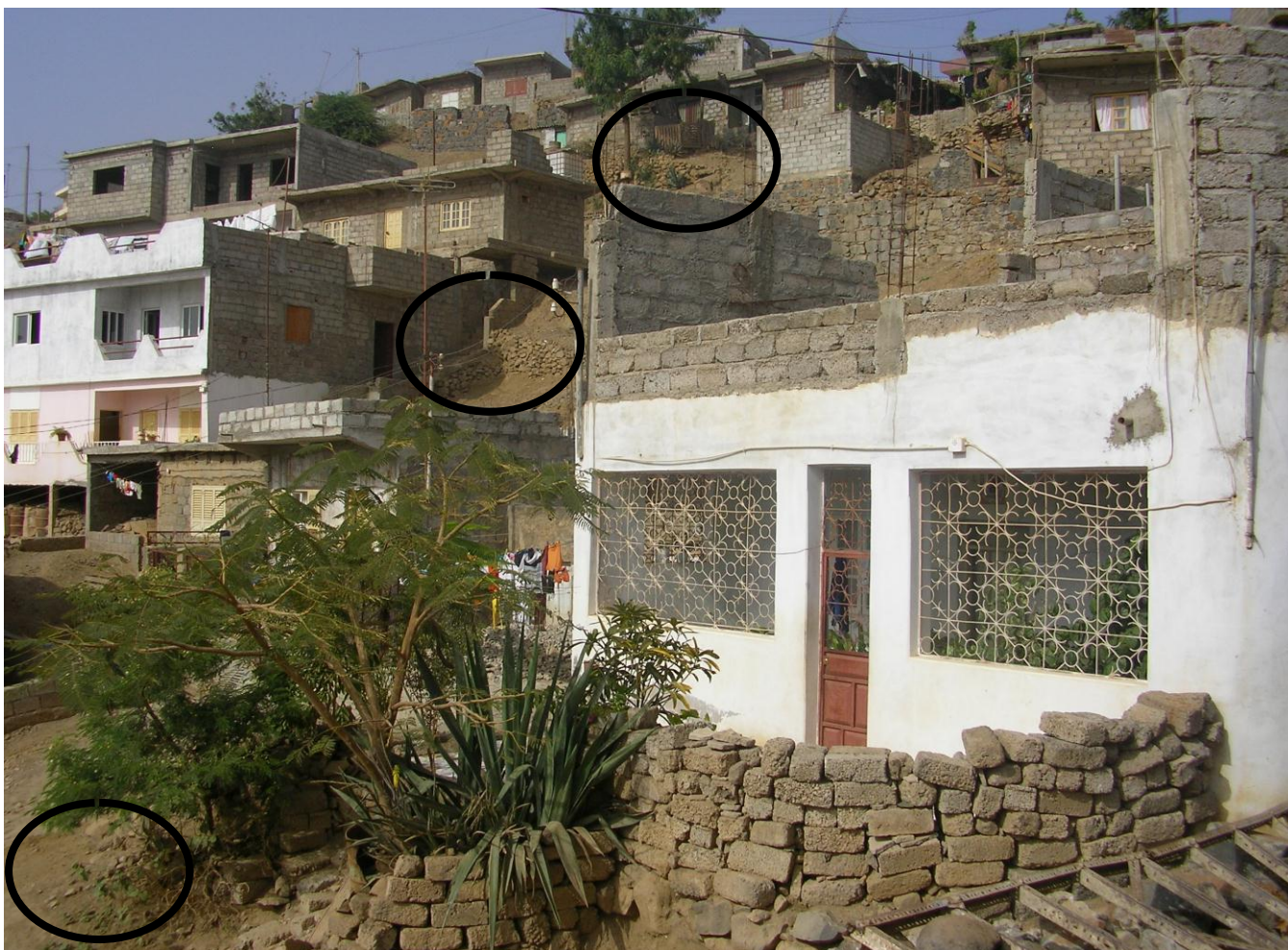
O laço familiar, a identidade com o bairro, a cumplicidade e solidariedade entre a maioria dos vizinhos, a falta de fiscalização por parte da CMP, são elementos que podem explicar a expansão das edificações. Conforme foi visto, as construções nos bairros espontâneos ocorrerem sem o conhecimento e o consentimento da CMP, ou seja, clandestinamente. Logo, as casas são construídas num curto período de tempo, por medo de a obra vir a ser embargada já que não foi registrada.

O fato é que essas construções resultaram na ameaça à vida da população no geral, pois se expandiram pelas áreas próximas ao canal pluvial e às encostas dos morros. As figuras 24 e 25 trazem dois recortes das ocupações das encostas de Lém-Cachorro.



**Figura 24: Ocupações de encostas no bairro de Lém-Cachorro.**  
**Fonte: Nelma Veiga, 2010 (adaptada pela autora).**



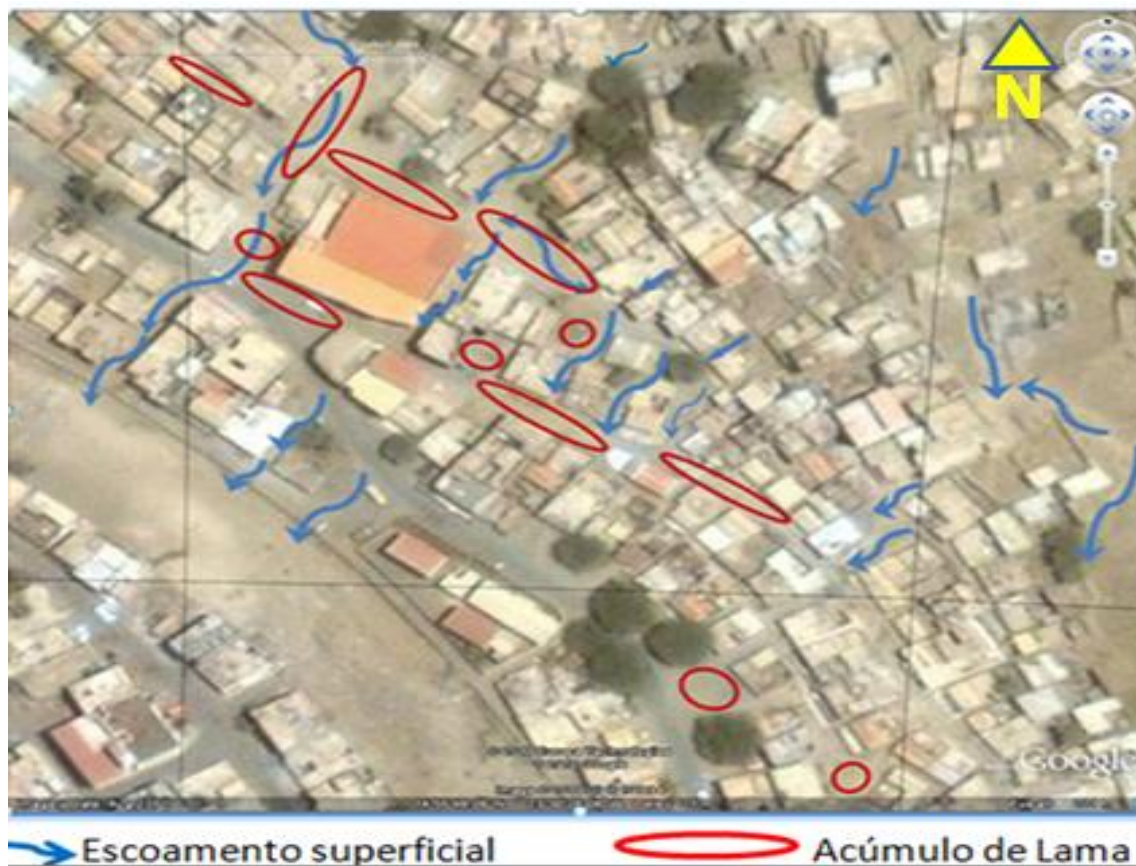


**Figura 25: Ocupações de encostas no bairro de Lém-Cachorro**  
**Fonte: Nelma Veiga, 2010 (adaptada pela autora)**

Percebe-se pela figura 25, que o material de construção utilizado não é mais argila e Basalto, mas sim, cimento e areia e que as construções estão inacabadas. Quanto a isso, os donos dessas casas reclamam a falta de condições financeiras para concluírem as obras que, por conseguinte, terão de aguardar. Essa realidade prova que o perfil fisiográfico das encostas está em constante alteração.

O rectângulo tracejado e o círculo destacam, em ambas as figuras, a quantidade de sedimentos extraídos do morro durante o período inicial das construções. Tais sedimentos permanecem ao entrono das residências. Embora não se sabe os motivos pelos quais permaneçam ali, imagina-se que por serem obras irregulares os donos evitam depositá-los nas áreas reservadas pela CMP para esse fim.

O certo é que, a escassez da chuva e a falta de vegetação fazem com que tais sedimentos – materiais inconsolidados - não voltem a se fixar no terreno. Isso aumenta a instabilidade da área, tornando-a vulnerável ao deslizamento. Este fenómeno é muito comum no bairro (figura 26).



**Figura 26: Escoamento superficial no Bairro de Lém-Cachorro**  
 Fonte: Google earth (Adaptada pela autora)

Nos curtos períodos de chuvas torrenciais, esses sedimentos são arrastados pelas águas em direcção ao canal, observa-se que eles se acumulam entre algumas residências (figura 26), não apenas pela diferença altimétrica do terreno, mas, também, pelo arranjo desorganizado das casas (figura 27) que impedem as correntes de água de alcançarem o canal sem que se formem muitos meandros.





#### QUADRAS

**Figura 27: Suposta estrutura de quadras do Bairro de Lém-Cachorro**  
**Fonte: Google earth (adaptada pela autora)**

O canal recebe, também, as águas e os sedimentos dos bairros localizados mais ao norte e nordeste de Lém-Cachorro, que, ao se encontrarem com as águas drenadas nesse bairro, seguem o trajecto rumo ao mar. Porém, terminado o período de chuva, nota-se que grande quantidade desses sedimentos permanece no canal. Logo, recomeça o ciclo das águas e esse canal encontra-se muito assoreado, o que faz com que ele não suporte a quantidade de água, muito menos os sedimentos do deslizamento de terra, comuns em Lém-Cachorro, no período da chuva. Nesse caso ocorre o transbordamento do canal, acabando por alagar as áreas próximas a ele.

Associado a este problema está o fato da população correr o risco de contaminação por bactérias presentes nas águas: a própria população do bairro despeja resíduos sólidos nesse canal durante o ano todo, resíduos estes que poderiam ser depositados nos poucos contentores espalhados pelo bairro caso



estes fossem periodicamente esvaziados pela CMP. As figuras 28 e 29 sinalizam alguns resíduos sólidos no canal de drenagem durante o período de seca e o escoamento das águas da chuva durante o verão.



**Figura 28: Presença de resíduos sólidos no canal de drenagem de Lém-Cachorro.**  
Fonte: LC-solder, 2008 (adaptada pela autora)



**Figura 29: Escoamento da água da chuva no canal de drenagem**  
Fonte: LCsolder, 2008 (adaptada pela autora)

Os círculos amarelos na figura 29 indicam a presença de resíduos sólidos no canal. Ainda nessa questão do deslizamento de terra, muito frequente durante o período de chuva convém esclarecer o seguinte: 1) Trata-se de um problema responsável pela alteração da paisagem do bairro – os donos das moradias localizadas ao sopé da montanha são obrigados a providenciar pequenos muros para impedir que essas sejam invadidas pelas águas carregadas de partículas e sedimentos. 2) A altimetria das ruas varia a cada estação chuvosa, tornando-a cheia de buracos e rachaduras que por vezes dificultam o acesso de alguns veículos baixos. As figuras 30 e 31 exemplificam bem as situações acima pautadas.



**Figura 30: Alagamento da Principal Rua do Bairro de Lém-Cachorro.**  
**Fonte: LCsolder, 2008**



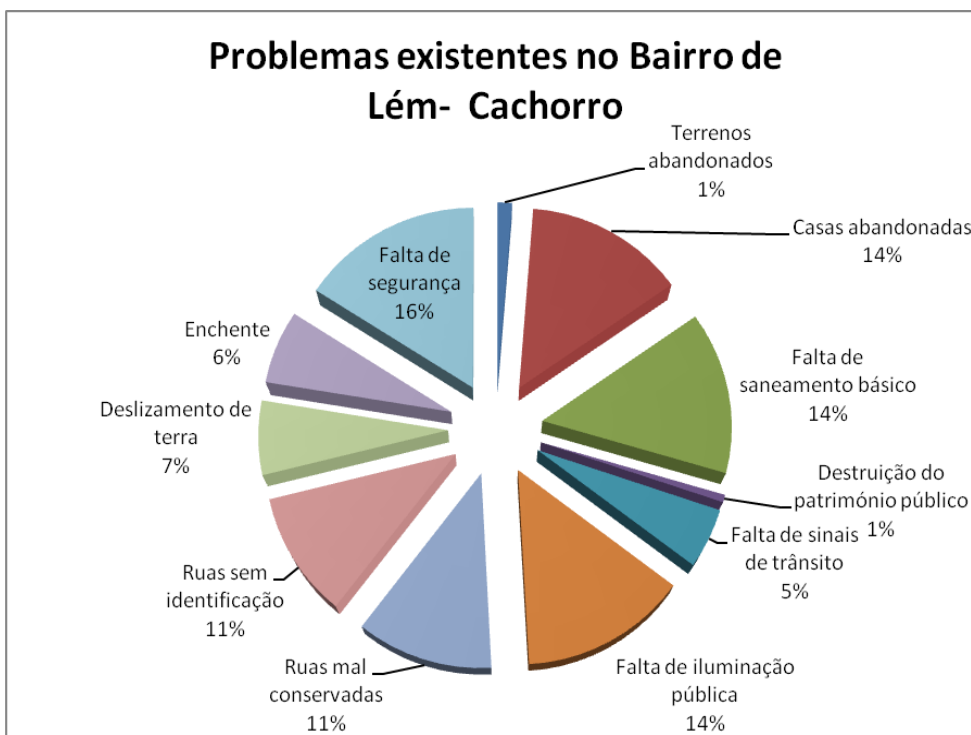


**Figura 31: Os desníveis da Rua de Lém-Cachorro provocados pelo acúmulo de sedimentos proveniente do deslizamento de terra.**

Fonte: Nelma Veiga, 2010 (adaptada pela autora)

A seta indica o sentido do escoamento superficial, logo, as áreas de maiores altitudes se localizam no seu sentido oposto.

Seguramente, os problemas do bairro não se resumem apenas em construções ilegais e desordenadas, embora estes estejam na origem dos demais. Como pode ser conferido na figura 32, existem outros problemas em Lém-Cachorro que acabam dificultando directa e indirectamente a vivência social nesse espaço.



**Figura 32: Problemas existentes no Bairro de Lém-Cachorro**  
**Fonte: Elaborada pela autora com base no Questionário A.**

A problemática da falta de segurança pública no bairro pode ser explicada, de forma mais concisa, através de estudos sociais, não sendo este, exactamente o carácter dessa pesquisa. No entanto, é válido considerar que outros problemas pautados na figura anterior, tais como, ruas sem identificação e a falta de iluminação pública podem agravar o problema da falta de segurança.

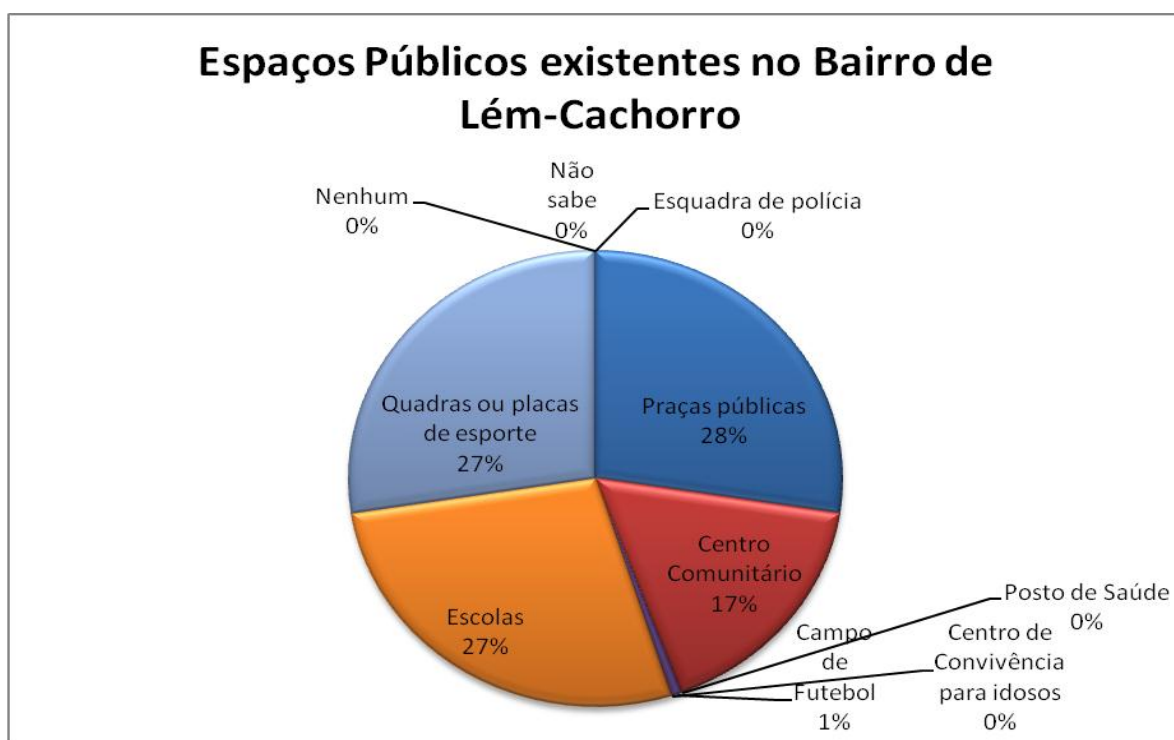
Com relação às ruas sem identificação existentes no bairro, é importante enumerá-las, para evitar que sejam confundidas por estruturas de becos, já que estes são comuns no bairro e se apresentam, de modo geral, relativamente largos e extensos. Distinguindo essas duas estruturas – a rua do beco, faz-se necessário que ambos sejam mapeados e identificados, por exemplo, rua “A”, beco “B”.

A identificação das ruas poderá auxiliar a actuação dos agentes de segurança pública - cujos serviços são constantemente solicitados pelos moradores, principalmente em casos de assaltos e brigas. Possibilitará, também, a diminuição da sensação de medo e insegurança, tanto por parte dos moradores, quanto por parte dos visitantes. Pois estariam essas pessoas, circulando por áreas de fácil identificação, e, por conseguinte, fácil localização.

A falta de iluminação pública pode, também, potencializar a falta de segurança. Já que a escuridão serve de aliada aos criminosos que, além da vulnerabilidade de suas vítimas durante a noite, eles têm suas próprias identidades preservadas. Como consequência, os moradores evitam circular durante a noite – normalmente a partir das 20 horas, atribuindo ao bairro uma condição de deserto.

Ainda na figura 32, nota-se que a destruição do patrimônio público é uma realidade no bairro de Lém-Cachorro. Esses objectos que vêm sendo destruídos encontram-se expostos na figura 33, são eles, Centro Comunitário – também conhecido por centro social, Escolas e Quadras ou Placas de desporto.

Portanto, a mesma figura relata certa carência de objectos geográficos destinados à satisfação das necessidades dos moradores em geral.



**Figura 33: Espaços Públicos existentes no Bairro de Lém-Cachorro**  
 Fonte: Elaborada pela autora, com base no Questionário A.

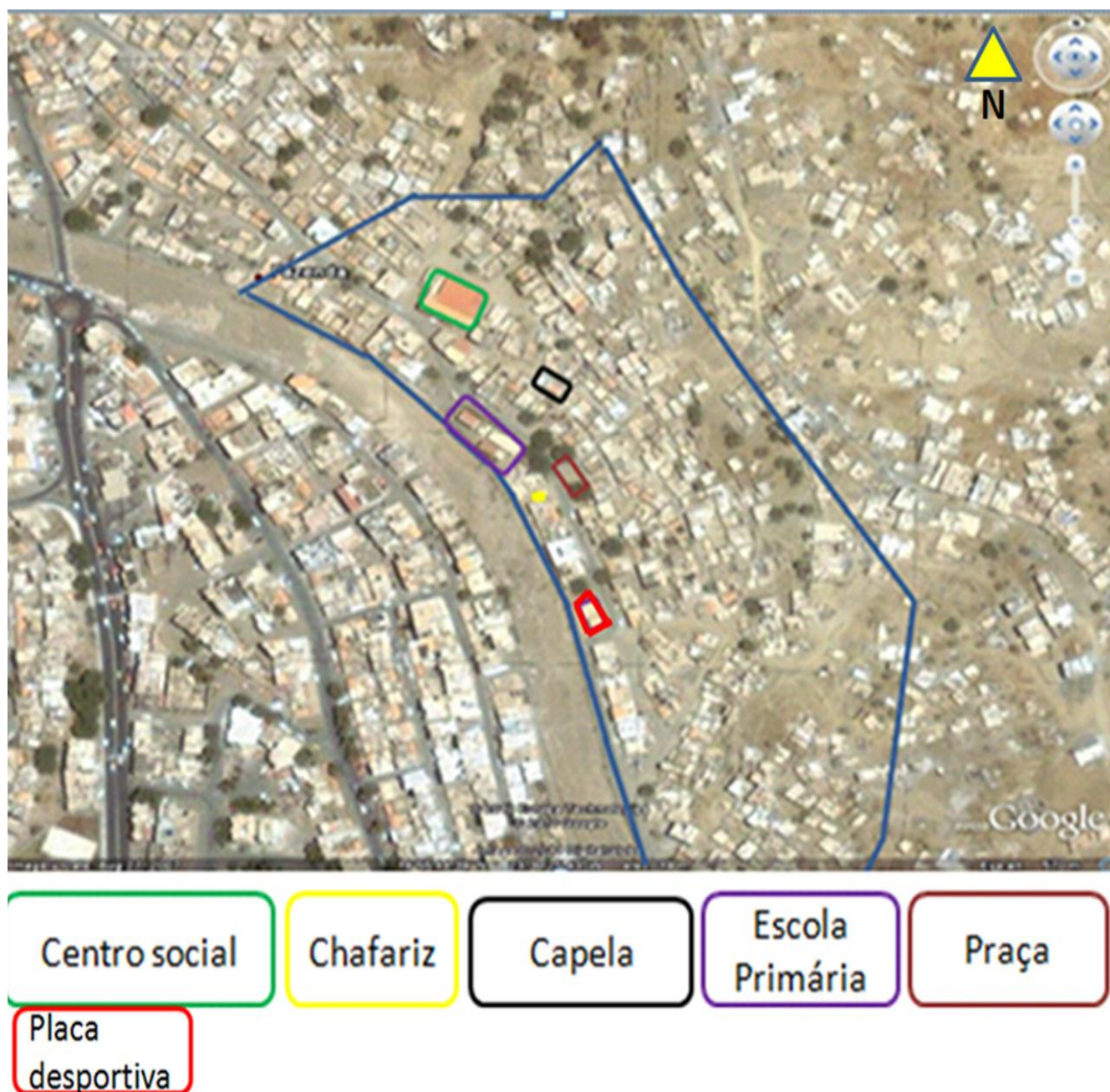
Nessa perspectiva, viu-se necessário colocar que a CMP, por meio do PDM 2008-2020, estabeleceu que bairros cuja população varia de 1.000 a 3.000 habitantes, que é o caso do bairro em análise, deve ter os seguintes equipamentos:

- Equipamento mínimo: equipamento escolar - escola maternal e Jardim de infância
- Equipamento comercial: comércio diário – lojas – farmácias e padarias
- Equipamento social: creche – pequeno clube social
- Espaços livres e estacionamento: jardins públicos – lotes para brinquedos – garagens individuais ou colectivas – vias e áreas arborizadas - estacionamento
- Equipamentos Gerais: equipamentos do sistema viário e áreas públicas (iluminação, pavimentação, placas de sinalização, etc.). CMP, PDM 2008-2020.

Essa própria relação de equipamentos públicos trazidos pela CMP comprova que Lém-Cachorro regista pouca variedade de objectos geográficos de carácter colectivo. Pois, não há registos de escola maternal, creche, farmácia, e, sobretudo, existe uma ausência de equipamentos gerais, espaços livres e estacionamento.

Na figura 34 pode ser percebida a distribuição geográfica dos objectos públicos presentes em Lém-Cachorro.





**Figura 34: Distribuição espacial dos principais objectos ou equipamentos públicos existentes no bairro de Lém-Cachorro<sup>5</sup>.**

Fonte: Google earth (adaptada pela autora).

Assim, a ausência dos equipamentos listados anteriormente, faz com que 68% dos adultos que habitam o bairro, deixem-no diariamente para trabalhar, estudar, fazer compras e ter acesso aos serviços públicos. Esse deslocamento diário

<sup>5</sup> Comparando com a figura 19, pode-se constatar que esses equipamentos públicos foram distribuídos na mesma área onde se encontra a faixa de ocupação inicial do bairro - o que mostra a importância da sociedade na organização espacial.



deixa transparecer que o bairro encontra-se articulado com as demais áreas da cidade.

Essa articulação entre Lém-Cachorro e os demais bairros da capital é um factor importante na sua construção e organização espacial, visto que, facilita o acesso aos bens e serviços e absorve a mão-de-obra existente no bairro, melhorando o padrão de vida de seus habitantes e diminuindo o índice de desemprego. O que, de certa forma, é válido. Por outro lado, a própria carência do bairro em termos de equipamentos públicos (figura 33) denuncia um desequilíbrio dessa articulação, ou seja, automaticamente a quantidade de visitantes que se dirigem ao Lém-Cachorro para trabalhar e ter acesso aos bens e serviços é inferiormente proporcional aos habitantes que deixam o bairro para esses fins.

Nesse caso, esse desequilíbrio não repercute de forma positiva na construção e na organização espacial de Lém-Cachorro, pois afasta as possibilidades de investimentos públicos e privados no bairro – embora a CMP (PDM 2008-2020) se adianta declarando ser Lém-Cachorro, um bairro sem espaços para construções.

Então, convém conhecer, com base na figura 35, as principais áreas que os moradores de Lém-Cachorro utilizam para entrar e sair do bairro. Na mesma figura também é possível constatar a existência das duas únicas estradas existentes no bairro, que assim como os equipamentos públicos, se localizam na área da faixa de ocupação inicial do bairro.

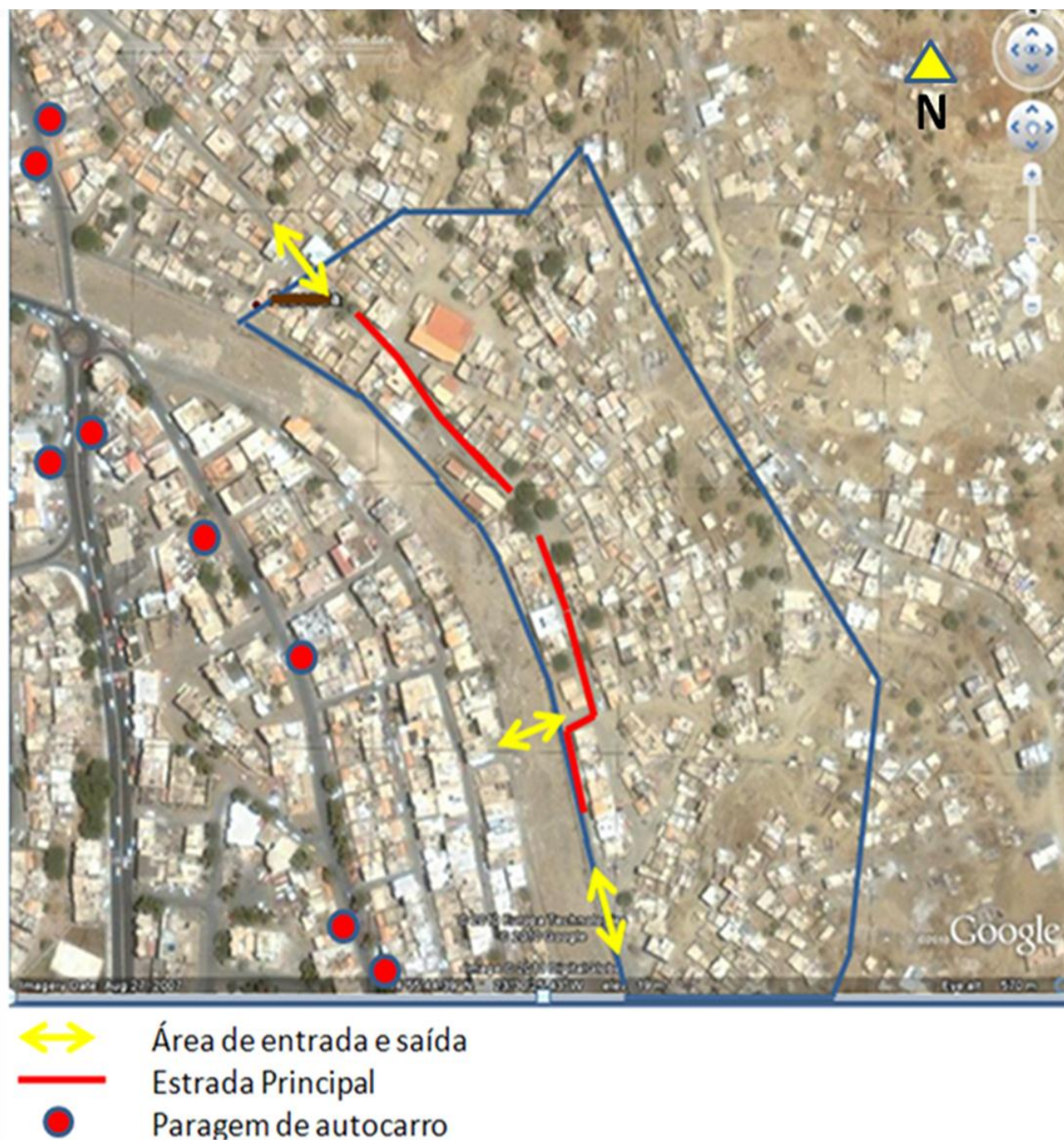


Figura 35: As principais áreas de entrada e saída do bairro de Lém-Cachorro.  
 Fonte: Google earth (adaptada pela autora).

Segundo a CMP, (PDM 2008-2010) apenas duas agências são responsáveis pela garantia dos transportes públicos dentro da cidade da Praia. Estas, por sua vez, não incluem Lém-Cachorro no trajecto dos ônibus. Isso obriga os moradores a se deslocarem aos bairros vizinhos para conseguirem vagas no transporte público. O que demanda tempo, boa vontade e paciência por parte dos moradores de Lém-Cachorro.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cidade é o resultado concreto das relações sociais ocorridas ao longo do tempo. Essas relações são materializadas em forma de objectos distribuídos no espaço. Os objectos naturais também fazem parte da cidade, bem como os processos que orientam a sua organização espacial. No entanto, as relações sócio espaciais são particulares a cada grupo social - cada grupo possui sua forma de usufruir de seu espaço pois seus objectivos e finalidades dependem de vários factores como, a cultura, política e economia.

Assim, a configuração espacial que a cidade da Praia apresenta esta ligada ao carácter social e económico de seus habitantes, principalmente no que toca a forma como eles usam esse espaço. Praia, hoje, é um município essencialmente urbano, seu espaço vem sendo utilizado para os mais variados fins, por isso, há necessidade de organizar melhor esse espaço, para garantir a execução plena de suas funções, a melhoria na qualidade de vida da população, e, principalmente, conciliar o desenvolvimento económico com a qualidade ambiental.

Nessa perspectiva, a cidade se depara com um dos maiores desafios, sob o ponto de vista do planeamento urbano, que é o predomínio dos bairros de ocupação espontânea. A quantidade de bairros espontâneos aumentou consideravelmente após a independência nacional em 1975. Período em que a população do campo invade a cidade da Praia, na esperança de melhorar as condições de vida, que se agravava no campo, em decorrência de secas prolongadas.

Mais de sessenta e seis por cento das edificações existentes na cidade da Praia são informais. Associado a esse problema urbanístico está o fato de mais de vinte e um por cento dessas edificações se localizarem em terrenos de risco. Que são assim considerados devido ao elevado grau de inclinação que apresentam, tornando, assim, sujeitos ao desabamento.

O problema de construções informais desencadeia vários outros problemas, cujas soluções devem ser priorizadas pela CMP. Entre os problemas existentes

destaca-se a carência e a dificuldade de implantação de infra-estruturas que garantam os direitos e deveres dos cidadãos, a falta de saneamento básico e a dificuldades em se deslocar no interior e entre os bairros, dada a precariedade das redes transportes.

Sabe-se que a correcção desses problemas demanda tempo, a conscientização por parte da população e, sobretudo o capital financeiro. No entanto, sugere-se que o primeiro passo, para essa correcção seja o controlo do espaço da cidade. Esse controle é fundamental para contornar a expansão dos bairros de ocupação espontânea, e, por conseguinte, impedir o aumento de construções irregulares ou ilegais.

A organização espacial independe se o país é desenvolvido ou subdesenvolvido. Um país rico possui maiores condições de tornar sua organização espacial mais complexa ou sofisticada. Essa complexidade organizacional pode ser vista como uma estratégia, uma vez que, tendo uma complexa organização urbana, ter-se irá a garantia de um contínuo desenvolvimento social, económico, ambiental e cada vez mais melhoria no índice de desenvolvimento humano. Isso porque a cidade é um sistema: quando a base do sistema é sadio – no caso quando não existem (ou existem razoáveis) problemas estruturais as demais partes do sistema funcionam de forma satisfatória.

O fato de Cabo-Verde ser um país em vias de desenvolvimento não implica numa desordem espacial. Mas ela existe. Pois faltou seguir o raciocínio colocado anteriormente (o sistema).

O bairro de Lém-Cachorro localizado na zona leste da cidade da Praia, enquadra-se nesse perfil de irregularidade das construções. No entanto, a configuração geográfica que apresenta actualmente se difere daquela existente há pelo menos cinquenta anos. O número de famílias aumentou consideravelmente, fazendo com que o bairro - antes considerado espaçoso, com mais áreas verdes e com uma única faixa de ocupação que envolvia apenas a área entre a encosta rochosa e o canal de drenagem das águas pluviais – seja, hoje, considerado com a

capacidade de construções esgotada. Logo, a expansão vertical assume o cenário geográfico do bairro.

Então, deduz-se que os materiais de construção das moradias foram substituídos ao longo dos anos – passando a ser utilizados basicamente cimento e areia, para darem suporte ao crescimento vertical e representarem maior segurança às ocupações de encostas. Segurança essa que seria menor caso as casas fossem construídas, ainda, de barro e basalto.

A crescente ocupação das encostas revelou-se numa nova modalidade de ocupação do solo do bairro, atribuindo, por sua vez, uma nova configuração ao bairro. Essa ocupação tem-se transformado numa ameaça à vida dos que habitam nas encostas e nas proximidades do sopé. Visto que, associando a existência da rasa camada de solo, a ausência da vegetação em decorrência das construções e as chuvas torrenciais, o risco de deslizamento de terra se torna uma realidade.

Lém-Cachorro convive actualmente com vários problemas decorrentes do predomínio das edificações irregulares. Os mais comuns são: os deslizamentos de terra, a falta de saneamento básico, a carência de equipamentos públicos, a destruição do património público, suas sem identificação, a falta de sinais de trânsito, desemprego e a falta de segurança.

Assim, estes problemas comprometem, inclusive, a articulação do bairro com as demais áreas da cidade, pela dificuldade de incluí-lo nos percursos dos transportes públicos. Dificuldade essa que se agrava no período de chuva, em que o bairro permanece alagado e repleto de lamas oriundas do deslizamento de terra, impedindo a circulação dos meios de transportes.

Todos esses problemas permitem que, dentro da lógica do valor do espaço, Lém-Cachorro seja considerado uma área que não representa grandes valores devido à degradação de seu património natural.

Os aspectos, relativos ao bairro de Lém-Cachorro, que foram trazidos nesses últimos parágrafos levam a crer que a CMP não atribuiu as devidas considerações a

esse bairro, sob o ponto de vista das formas com que a população vinha se apropriando desse espaço. A CMP poderia, dentro das suas limitações, controlar a expansão do bairro desde o período inicial de sua ocupação, evitando a proliferação de edificações irregulares, e todos os problemas que isso gera.

Pouca coisa se tem feito por parte da CMP para eliminar os principais problemas geográficos que o bairro enfrenta. Se assim prosseguir Lém-Cachorro irá parar no tempo, ou seja, não terá condições de acompanhar as mudanças que acontecem a nível global e predominaram objectos cujas funções não mais darão conta das demandas externas e pensamentos ultrapassados. Enfim, há que se adaptar à lógica do modelo actual de produção de bens e serviços para evitar a exclusão sócio espacial.

Por outro lado, toda essa exposição leva a crer que os moradores do bairro de Lém-Cachorro precisam com urgência assumir outra postura face às condições geográficas do bairro. Ser cidadão, lutar pelos seus direitos e deveres, preocupar-se com a saúde pública e o meio ambiente do bairro são aspectos que precisam ser incorporados pelos moradores. Pois estes são os primeiros responsáveis por essa reconfiguração desordenada do bairro.

A Câmara Municipal da Praia coloca que o bairro de Lém-Cachorro não possui espaços para implantação de equipamentos públicos. A solução seria reconstruir - dentro de um plano urbanístico - todos os objectos artificiais ali fixados? Sim seria. Porque vale muito investir nas melhorias da base física (no reordenamento do território) que sustenta todos os processos que dão vida à cidade e garantem o seu desenvolvimento.

O estudo da reconfiguração do bairro de Lém-Cachorro, revelou que o bairro apresenta problemas ambientais que merecem atenção especial, o caso da falta de saneamento básico é um dos que merece total atenção por afligir a saúde pública. Reflectindo a respeito, elaborou-se uma sugestão para conscientizar os moradores da dimensão desse problema:

1) Elaboração de campanhas de conscientização dos problemas ambientais no bairro, por exemplo, por meio de dramatizações realizadas ao vivo no bairro e da distribuição de panfletos nas residências e nas escolas. O ideal é que a distribuição de panfletos seja realizada por jovens e adultos voluntários do bairro, porque eles são a maioria no bairro e o processo de conscientização se dá de forma mais rápida nessa faixa etária.

Com a permissão dos moradores, integrante do grupo entrará em suas casas e fixará o panfleto no local fácil de ser percebido. É importante que os panfletos sejam recolhidos nas residências e nas escolas, pelo mesmo grupo de jovens e adultos após um período de duas semanas e encaminhados à reciclagem.

Esse acto deve ser repetido uma vez por mês. A cada mês sugere-se uma temática ambiental, para que os moradores percebam a preocupação que se tem com a questão do meio ambiente do bairro e assumem atitudes responsáveis.

2) Aproveitamento dos serviços de ferragem fornecidos pelos moradores, para confecção de cestos de colecta selectiva de lixo. Os cestos deverão ser fixados nas extremidades de cada rua. Porém é importante esclarecer à população que não se trata de cestos de colecta de lixo domiciliar. Por isso é necessário buscar uma parceria com a CMP ou entidades interessadas no tema, para aumentar os contentores de colecta de lixo domiciliar.

Sugere que se criem equipes de monitores jovens e adultos voluntários, treinados para lidar com os moradores. Estes monitores avaliarão o desenvolvimento do projecto: se os moradores estão depositando o lixo nos cestos e não no chão, como ocorre, e se a CMP está efectuando a recolha dos resíduos no tempo determinado.

Apenas para esclarecimento, o preço dos cestos deverá ser negociado com os ferreiros do bairro. Deve-se solicitar pequena e livre contribuição financeira dos moradores na compra dos cestos de ferro e, se precisar, buscar patrocinadores.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

AMARAL, Ilídio do. **Santiago de Cabo Verde a terra e os homens**. Serie 2. Lisboa, 1964.

CÂMARA MUNICIPAL DA PRAIA. **Plano director da cidade da Praia, 2008-2020**.

CARLOS, Ana Fani A. **A cidade**. São Paulo: Contexto, 1992.

\_\_\_\_\_. **Espaço-Tempo Na Metrópole**. Ed. Contexto, São Paulo, 2001.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Uma geografia da cidade – Elementos da produção do espaço urbano**. In: CAVALCANTI, Lana de Souza (org.). **A Geografia da Cidade**. Goiânia, ed. Alternativa, 2001.

CLARK, David. **Introdução à Geografia urbana**. 2. ed. (trad. Lúcia Helena de Oliveira Gerardi e Silviana Maria Pintaudi), Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1989.

HOLZER, Werther. **Paisagem, imaginário, identidade: Alternativas para o estudo geográfico**. ROSENDAHL, Zeny & CORRÊA, Roberto Lobato. **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: Ed.UERJ, 1999.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. **Dados preliminares do censo 2010**. Ed. INE. Praia, 2010.

MONGIN, Olivier. **A condição urbana: a cidade na era da globalização** (trad. Letícia Martins de Andrade). São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

PINA, António et al. **Caracterização Geoeléctrica da Zona Este (Santa Cruz) da Ilha de Santiago (Cabo Verde)**.



SANTOS, Milton. **Técnica Espaço e Tempo. Globalização e meio técnico científico informacional**. Ed. Hucitec. São Paulo, 1994.

\_\_\_\_\_. **Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4ª ed. 2ª reimpressão. Ed. Universidade de São Paulo, São Paulo 2006. - (Coleção Milton Santos; 1)

SCHIER, Raul Alfredo. Trajectórias do conceito de paisagem na geografia. **Revista RA E GA**, Curitiba, n.8, 2003. Editora UFPR.

SOUZA, M. A. A. de. **Cidade: lugar e geografia da existência**. VASCONCELOS, P. de. A. M. & Silva, S..B (Orgs). **Novos estudos da geografia urbana brasileira**. Salvador, ed. Universidade Federal da Bahia, 1999.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Mudar a cidade: uma introdução crítica ao planeamento e à gestão urbanos**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

VASSOA, Afonso Vaz. **África: o berço da humanidade e a fonte da fraternidade**. Porto Alegre, ed. AGE, 1999.

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. **Espaço geográfico uno e múltiplo**. In: SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes; BASSO, Luís Alberto; VERDUM, Roberto (org.). **Ambiente e lugar no urbano: a grande Porto Alegre**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2000.

\_\_\_\_\_; GUASSELLI, Laurindo António. **Paisagens (imagens e representações) do Rio Grande do Sul**. In: VERDUM, Roberto; BASSO, Luis Alberto; SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes (org). **Rio Grande do Sul: paisagens e territórios em transformação**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

## **APÊNDICES**

Este questionário é um instrumento importante para a realização do trabalho de conclusão do curso de Geografia que tem como tema **a (re) Configuração do Espaço Geográfico do Bairro de Lém-Cachorro – Cidade da Praia – Ilha de Santiago – Cabo Verde.**

**Observação:** O indivíduo não é obrigado a responder às perguntas, todavia, optando por respondê-las lhe é garantido o sigilo das respostas e a preservação da sua identidade.

Em caso de dúvida o entrevistador deverá proceder aos esclarecimentos que se fizerem necessários.

### A

Faixa etária: de 25 a 30 ( ); de 30 a 35 ( ); de 35 a 40 ( ); de 40 a 45 ( ); de 45 a 50 ( ); de 50 a 55 ( ).

- 1) Sexo: Masculino ( ) Feminino ( )
- 2) Estado civil: Casado ( ) Solteiro ( )
- 3) Tem filhos? Sim ( ) Não ( )
  - a) Se sim, quantos? \_\_\_\_\_
- 4) Nível de escolaridade:
 

Ensino Primário completo ( ); Ensino Secundário completo ( ); Ensino Superior completo ( )

Ensino Primário incompleto ( ); Ensino Secundário incompleto ( ); Ensino Superior incompleto ( )

Sem grau de escolaridade ( )
- 5) Trabalha? Sim ( ) Não ( )
  - a) Se sim, em que bairro? \_\_\_\_\_
- 6) Com que frequência você se desloca para outros bairros:
 

Todos os dias ( ); No máximo cinco vezes por semana ( );

No máximo três vezes por semana ( ); Uma vez por semana ( )
- 7) Você sai do bairro para:
 

Trabalhar ( ); Fazer Compras ( ); Procurar Serviços Públicos ( ); Estudar ( ); Outros ( )

\_\_\_\_\_
- 8) Quanto tempo mora em Lém-Cachorro? \_\_\_\_\_
- 9) Quem morou aqui primeiro? Pai/Mãe ( ); Avô/Avó ( ); Bisavô/Bisavó ( ); Outros ( )
- 10) Quantas pessoas moram em sua casa? \_\_\_\_\_
- 11) Mora em casa: Própria ( ); Alugada ( );
- 12) Duas coisas que você mais gosta no bairro? \_\_\_\_\_
- 13) Que espaços públicos existem no bairro?
 

Praças públicas ( ); Centro Comunitário ( ); Posto de Saúde ( ); Campo de Futebol ( ); Centro de Conveniência para o idoso ( ); escolas ( ) Quadras ou placas de esporte ( ); Esquadra da polícia ( ); Nenhum ( ); Não sabe ( ).
- 14) Você identifica problema no bairro? Sim ( ); Não ( );
  - a) Se sim, quais? \_\_\_\_\_

Terrenos abandonados ( ); Casas abandonadas ( ); Falta de Saneamento Básico ( ); Destruição do patrimônio público ( ); Falta de Sinais de trânsito ( ); Falta de iluminação Pública ( ); Ruas mal conservadas ( ); Ruas sem identificação ( ); Deslizamento de terra ( ); Enchente ( ); Falta de Segurança ( );

- b) Aponta apenas um desses problemas deve ser resolvido com urgência e por quê? \_\_\_\_\_

- 15) Com relação à vegetação do bairro, você acha que tem:
 

Pouca vegetação ( ); Muita Vegetação ( ) Nenhuma Vegetação ( ); O suficiente ( )

  - a) Quais os tipos de Vegetação que você mais vê? \_\_\_\_\_

- 16) Você acha que o governo tomou medidas para conter a epidemia da cólera no bairro? Sim ( ); Não ( )
  - a) Se sim, Quais: \_\_\_\_\_

**17)** Você acha que o governo tomou medidas para conter a dengue no bairro? Sim (    ); Não (    )

a) Se sim, Quais:

---

**18)** Tem notado habitantes novos no bairro? Sim (    ) Não (    )

**19)** Pensa em mudar de bairro? Sim (    ) Não (    )

Por quê?

Este questionário é um instrumento importante para a realização do trabalho de conclusão do curso de Geografia que tem como tema **a (re) Configuração do Espaço Geográfico do Bairro de Lém-Cachorro – Cidade da Praia – Ilha de Santiago – Cabo Verde.**

Observação: O indivíduo não é obrigado a responder às perguntas, todavia, optando por respondê-las lhe é garantido o sigilo das respostas e a preservação da sua identidade.

Em caso de dúvida o entrevistador deverá proceder aos esclarecimentos que se fizerem necessários.

### B

- 1) Faixa etária: de 60 a 65 ( ) ; mais de 65 ( ) ;
- 2) Sexo: Masculino ( ) ; Feminino ( )
- 3) Estado civil: Casado ( ) Solteiro ( )
- 4) Tem filhos? Sim ( ) Não ( )
  - a) Se sim, quantos? \_\_\_\_\_
  - b) Todos moram em Lém-Cachorro? Sim ( ) Não ( )
- 5) Nível de escolaridade:
 

Ensino Primário completo ( ) ; Ensino Secundário completo ( ) ; Ensino Superior completo ( ) ;

Ensino Primário incompleto ( ) ; Ensino Secundário incompleto ( ) ; Ensino Superior incompleto ( ) ; Sem grau de escolaridade ( )
- 6) Trabalha? Sim ( ) Não ( )
  - a) Se sim, em que bairro? \_\_\_\_\_
- 7) Quanto tempo morra em Lém-Cachorro? \_\_\_\_\_
- 8) Quem morou aqui primeiro? Pai/Mãe ( ) ; Avô/Avó ( ) Bisavô/Bisavó ( )
- 9) Como era o bairro quando você veio pra cá?

---



---



---



---



---

- a) Havia muitas casas como hoje? Sim ( ) Não ( )
- b) Havia casas na rocha? Sim ( ) Não ( )
  - Se sim, eram muitas casas? Sim ( ) Não ( )
- c) As primeiras casas se localizavam ao entorno da Ribeira?
- d) A maioria das casas era:
  - de Blocos de Cimento ( ) ; de Pedra ( ) ; de lata ( )
- e) A maioria das casas possuía luz elétrica e água canalizada?
  - Sim ( ) Não ( )
- f) Havia iluminação pública? Sim ( ) Não ( )
- g) Praticava-se a criação de animais? Sim ( ) Não ( )
- h) Quais animais eram criados:
  - Porcos ( ) ; Cabras ( ) ; Galinhas ( ) ; Vacas ( )
- i) Os animais permaneciam:
  - Dentro de uma área Fechada ( ) ; Soltos pela Rua ( ) ;
- j) Havia muita vegetação? Sim ( ) ; Não ( )
  - i) Se sim, dê exemplos:

---



---



---

10. Você acha que o governo tomou medidas para conter a epidemia da cólera no bairro?
  - Sim ( ) ; Não ( )
  - a. Se sim, Quais:

- 
- 
- 
11. Você acha que o governo tomou medidas para conter a dengue no bairro? Sim (    ); Não (    )
- a. Se sim, Quais?